

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO**

A função social do hipertexto impresso na Bíblia da Mulher

Elisa Hoerlle

Porto Alegre
2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO**

A função social do hipertexto impresso na Bíblia da Mulher

Elisa Hoerlle

Monografia apresentada junto ao Curso de Comunicação Social da universidade Federal do Rio Grande do Sul, na habilitação Publicidade e Propaganda, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Benetti

Porto Alegre
2010

Elisa Hoerlle

A função social do hipertexto impresso na Bíblia da Mulher

Monografia apresentada junto ao Curso de Comunicação Social da universidade Federal do Rio Grande do Sul, na habilitação Publicidade e Propaganda, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Profa. Dra. Marcia Benetti

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Alex Primo

Profa. Dra. Nilda Jacks

Agradecimentos

A Alex Primo, por exercer sempre mais do que suas obrigações.

A Patrícia Machado, pelo apoio em momentos difíceis.

A Gilberto Consoni, pelas indicações e pelo incentivo.

Aos colegas de laboratório: Aline de Campos, Felipe Tanus, e Tomaz Silva.

Aos amigos: Graziella Granatta, Priscilla Borges Ribeiro, Maciel Goelzer e Ingrid Vera Stein, pelo amor sem exigências.

A Rafael Achutti, Alana Pereira, Henrique Menezes e todos amigos do *mailing*, pelas contribuições e pela parceria durante a faculdade.

A Márcia Benetti, por dar importância ao tema da religião, e pela seriedade com que trata os trabalhos dos orientandos.

*Para a memória do meu irmão, Filipe
Hoerle, que sempre foi um exemplo de
sucesso a ser superado.*

*O lobo e o cordeiro pastarão juntos, e o leão
comerá palha como o boi; pó será a comida
da serpente. Não se fará mal nem dano
algum em todo o meu santo monte, diz o
SENHOR. (Isaías 65:25)*

Resumo

A Bíblia Sagrada é o livro mais traduzido, distribuído e lido de todos os tempos. Sua abrangência prepondera no Brasil, líder mundial na produção e exportação do produto. Este trabalho começa expondo a segmentação e os apelos de venda presentes na nova oferta de Bíblias, decorrentes da profissionalização da indústria de produtos evangélicos no País. Nesse cenário toma-se como objeto a Bíblia da Mulher. Em seguida, os recursos ao leitor presentes na Bíblia da Mulher são trabalhados como hipertextos, articulados numa prática interpretativa. A partir daí é feita uma análise desses textos auxiliares, focando resolver o problema de pesquisa: qual a função social do hipertexto impresso na Bíblia da Mulher?

Índice de Figuras

Fig. 1: Número de Bíblias distribuídas pela SBB.....	16
Fig. 2: Bíblias bilíngües	20
Fig. 3: Bíblias ergonômicas.....	21
Fig. 4: Bíblias decorativas	21
Fig. 5: Bíblias com anexos	22
Fig. 6: Bíblias personalizadas.....	23
Fig. 7: Bíblias de estudo.....	26
Fig. 8: Diagramação de uma Bíblia comum.....	24
Fig. 9: Diagramação da Bíblia da Mulher	25
Fig. 10: Excerto de uma Chave Bíblica	29
Fig. 11: Ferramenta de busca da enciclopédia digital <i>Mundo Bíblico</i>	30
Fig. 12: Referências cruzadas.....	36
Fig. 13: Notas de rodapé	38
Fig. 14: Mapas	39
Fig. 15: Retratos.....	40
Fig. 16: Quadro “Bem-aventuranças para as mulheres”	41
Fig. 17: Quadro “As mulheres e as parábolas de Jesus”	42
Fig. 18: Tópicos	43

Sumário

1. Introdução	10
2. A nova oferta de Bíblias pela indústria cultural evangélica brasileira	14
2.1 O maior livro do mundo	14
2.2 A atuação das Sociedades Bíblicas	15
2.3 SBB e Gráfica da Bíblia	16
2.4 A emergência de um novo mercado.....	17
2.5 Industrialização e recrudescimento das igrejas pentecostais	18
2.6 Versões e traduções da Bíblia na era da pluralidade religiosa.....	19
2.7 Inovações presentes em apelos de venda.....	20
2.7.1 Apelos de venda presentes em Bíblias comuns.....	20
2.7.2 Apelos de venda presentes em Bíblias de estudo.....	23
2.8 O consumo do sagrado	26
3. Modos de hipertextualidade presentes na Bíblia da Mulher	28
3.1 A origem e função do hipertexto impresso.....	28
3.2 Hipertexto e práticas sociais de interpretação.....	31
3.3 A Bíblia da Mulher.....	32
3.4 Mulheres como leitoras	34
3.5 Análise dos níveis de leitura	35
3.6 O hipertexto estruturado como recurso interpretativo.....	45
4. A leitura da Bíblia como prática social	48
4.1 O desuso da tradição de leitura pública e o correspondente impacto comunitário	48
4.2 Tendências em conflito: leitura coletiva x comunidades de consumo	48
5. Conclusão	50
Referências	53

1. Introdução

De maneira resumida, a Bíblia deve suas origens à atividade de compiladores da tradição oral movidos pelo objetivo de manter a vida em comunidade daqueles que se identificavam como “o povo de Deus” (ACROYD, 1970). A produção dos livros se intensificou em momentos em que a religião era de alguma forma ameaçada, normalmente por povos estrangeiros. O exílio Babilônico e a dispersão dos cristãos primitivos foram os eventos propulsores que resultaram no esforço de criar um registro permanente para as gerações seguintes, para manter a chama da religião acesa.

Dessa forma a origem dos livros da Bíblia está diretamente relacionada à perseguição e aos momentos de crise religiosa em Israel. Os livros foram escritos para serem lidos em público. A tradição oral, conservada como prática orante, deu lugar às práticas sociais de leitura pública nas sinagogas.

Esta monografia foi motivada por muitas inquietações sobre o que a pesquisadora percebeu como um fenômeno editorial em emergência, que transforma a Bíblia em um produto comoditizado¹, usando de estratégias de marketing para segmentar o público e propondo novos apelos de venda de acordo com uma demanda específica.

Esse estranhamento fez com que a pesquisadora buscasse conhecer especificamente o desenvolvimento da Bíblia Sagrada: como seus livros foram escritos, reunidos, copiados, traduzidos e transmitidos durante quase dois milênios. Muitas descobertas desse esforço pessoal não puderam fazer parte desse relatório, mas trouxeram clareza sobre o momento ímpar que a Bíblia vive hoje, especialmente no Brasil, o maior mercado do mundo.

Movida pelas peculiaridades envolvidas no processo de compra e na leitura de Bíblias, um estudo piloto procedido pela pesquisadora em 2008 ouviu cinco leitores habituais de Bíblias de estudo, investigando através de entrevistas em profundidade a relação que mantinham com o objeto referido.

Pelo estudo ficou claro que as notas explicativas contidas nessas Bíblias gozam de elevada reputação entre os leitores. Nenhum dos entrevistados acusou qualquer suspeita em relação à sua integridade. Constatou-se ainda que a relação social estabelecida na compra de uma nova Bíblia é um aspecto muito importante, exemplificada na doação do produto como presente, e também na importância da indicação boca-a-boca como fator decisivo para a

¹ Em economia política marxista, comoditização é a atribuição de valor econômico a algo que não é previamente comerciável, como, por exemplo, uma idéia, identidade ou sexo.

compra de um novo livro. Por outro lado, a leitura pública dos textos em cultos torna-se exígua, restrita a um ou outro versículo.

Um leitor ingênuo das Escrituras não imagina as mudanças presentes nesse processo, mas as coisas nem sempre foram desta forma. A Bíblia foi o objeto protagonista das duas primeiras revoluções do livro, e continua a apresentar novidades elaboradas a partir de especificidades técnicas arrojadas, como o uso abundante de formas hipertextuais na sua diagramação.

Em relação a outros livros a formação gráfica bíblica é bastante complexa, e ainda hoje é terreno fértil para inovações. Um esforço nesse sentido foi realizado por Wagner Bandeira da Silva na sua dissertação de mestrado “E-BIBLE: Características de hipertexto na Bíblia impressa e digital”, em que o autor problematiza os aspectos cognitivos presentes nas formas de diagramação da Bíblia.

Feita essas observações prosseguimos marcando que falar da história do livro e falar da história da Bíblia é praticamente falar da mesma coisa, uma vez que esta figura como a obra mais influente de todos os tempos. Os primeiros livros começaram a ser escritos no formato de rolo, onde o texto ficava separado por colunas. Foi nesse meio que o Antigo Testamento se desenvolveu.

A religião cristã do século um amplia para todos os povos a relação com a divindade do Antigo Testamento, redundando numa nova forma de lidar com as Escrituras. É nesse âmbito que o formato de rolo é substituído pelo de códice: folhas dobradas ao meio, formando cadernos:

[...] é inegável que o códice ajuda na localização do texto, agiliza seu manejo: possibilita a paginação, a criação de índices e concordâncias, a comparação de uma passagem com outra, ou, ainda, permite ao leitor que o folheia percorrer o livro por inteiro. Daí, a adaptação da forma nova do livro às necessidades textuais próprias do cristianismo, ou seja, a confrontação dos Evangelhos e a mobilização, para os fins da pregação, do culto ou da oração, de citações da Palavra sagrada. (CHARTIER, 1994, p.191)

Essa foi a primeira revolução do livro, que tomou lugar em comunidades cristãs primitivas, tornando-se a primeira grande contribuição técnica da religião cristã para toda a humanidade.

[...] é nas comunidades cristãs que, de forma precoce e maciça, o rolo vai sendo substituído pelo códice: desde o século II, todos os manuscritos da Bíblia encontrados são códices escritos em papiros;

90% dos textos bíblicos e 70% dos textos litúrgicos e hagiográficos dos séculos II-IV que chegaram até nós apresentam-se na forma do códice. Por outro lado, é com sensível defasagem que os textos gregos, literários ou científicos, adotam a nova forma do livro. (...) permanece forte o laço que vincula ao cristianismo a preferência dada ao códice. (CHARTIER, 1994, p.190)

Adiantando dezesseis séculos do relógio da história, chegaremos à invenção dos tipos móveis. A possibilidade de imprimir livros em larga escala defasou a profissão do copista de manuscritos. Essa invenção é um evento recrudescedor da modernidade, e é do senso comum que o lançamento da Bíblia de 42 linhas de Gutenberg constituiu um marco não somente para a reforma protestante no séc. XVI, mas para toda a civilização ocidental.

McMurtrie (apud Silva, 2007) chama à nossa atenção que essa Bíblia não foi exatamente o primeiro livro impresso em tipos móveis. Uma obra chamado “Julgamento do Mundo” teria sido produzida nessa tecnologia pelo menos dez anos antes, como um treinamento anterior à finalização de uma obra prima. Dessa forma, a Bíblia de Gutemberg permanece como protagonista da segunda revolução do livro, quando levamos em conta a escala e o impacto produzidos através dela.

Roger Chartier (1998) debate se a transposição do impresso para o meio eletrônico culminaria numa terceira revolução do livro. O argumento do autor é de que no livro impresso o espaço para intervenções do leitor (marcações e anotações) está claramente separado da composição tipográfica do texto propriamente dito. A divisão que separa a dupla autor x leitor, ou então, emissor x receptor fica borrada no meio eletrônico. Na terceira revolução do livro o leitor não é mais constrangido a intervir na margem. O novo suporte permite que este intervenha no coração, no centro.

O prognóstico de Chartier feito há mais de dez anos já pode ser problematizado de forma devida. Enquanto o lançamento do iPad e de novas versões do Kindle² movimentam a opinião pública, é seguro colocar que, embora tenha havido uma ampliação do espaço de intervenção no meio eletrônico, isso não significa que os espaços destinados para emissor e receptor tenham sido mesclados. Marcações feitas pelos usuários do Kindle são reunidas em um sistema, que gera um ranking automático de citações. Esse sistema funciona como bookmarking das passagens favoritas de todos os leitores. Como era de se esperar, uma versão da Bíblia em língua inglesa é um dos livros mais marcados dentro desse ranking³. Entretanto, essa intervenção por parte dos leitores ocorre em um espaço específico.

² Dispositivos de leitura em tela com tamanho aproximado ao de uma folha A5.

³ Disponível em <http://kindle.amazon.com/popular_highlights/books_all>.

As ferramentas de comentários em blogs e sites jornalísticos são outro exemplo disso. O meio eletrônico propicia que um leitor compartilhe alguma contribuição com os leitores seguintes da notícia ou *post*, mas esse leitor não terá permissão para editar o conteúdo original. Dessa forma, os espaços destinados para autor e leitor não são coincidentes, mas aparecem realocados no meio eletrônico. Por esta causa, a transposição do texto bíblico para a tela não ameaça as relações de autoridade e sacralidade presentes. Sobre esse mérito, Silva assegura que

Tanto a Bíblia quanto seu usuário estão integralmente imersos no campo da leitura hipertextual. A transposição ao ambiente digital se dará, nesse sentido, mais uma adequação dos recursos gráficos já existentes e sua estrutura hipertextual do que como uma reformulação da composição e sentido de leitura dos textos bíblicos. (SILVA, 2007, p. 117)

Atualmente a indústria de Bíblias impressas traz inovações muito mais significativas do que as formas digitais disponíveis. O trabalho discorre nesse sentido, apresentando no capítulo 2 os diferenciais trazidos pela indústria cultural evangélica. No terceiro capítulo aprofunda-se o funcionamento do hipertexto impresso na Bíblia da Mulher, articulando-o com uma prática interpretativa direcionada, que articula modelos de comportamento para mulheres cristãs. O quarto capítulo faz um breve reflexão sobre a relação entre individualização dos hábitos de leitura com a segmentação temática da oferta de Bíblias no Brasil.

A Bíblia da Mulher foi tomada como objeto de pesquisa num exercício metonímico, situando o produto no fenômeno editorial e, ao mesmo tempo, tomando o produto como exemplo dos novos recursos presentes nessa oferta. A união desses dois eixos pronuncia o objetivo da monografia: analisar como a Bíblia da Mulher se posiciona para o público feminino a partir de seus recursos hipertextuais. O cumprimento do objetivo permite uma resposta adequada para o problema de pesquisa: qual a função social do hipertexto impresso na Bíblia da Mulher?

2. A NOVA OFERTA DE BÍBLIAS PELA INDÚSTRIA CULTURAL EVANGÉLICA BRASILEIRA

Emissoras de rádio, mercado editorial, indústria fonográfica, programas de televisão e filmes. Atualmente no Brasil existe uma verdadeira indústria cultural evangélica, contando com um aparato técnico próprio para produzir e veicular seus produtos simbólicos. Um detalhamento desse fenômeno foi feito por Magali do Nascimento Cunha na tese “Um olhar comunicacional sobre a explosão *gospel* no cenário religioso evangélico no Brasil”.

Para os evangélicos a Bíblia é a fonte primeira de significado, e praticamente toda a produção cultural evangélica vai trazê-la como referência. De uma forma ou de outra a Bíblia estará presente: numa citação em um filme, em versos de uma música rock, nas pregações de tele-evangelistas. A Bíblia como fenômeno editorial está no cerne dessa indústria, e por esta causa esse capítulo situará detalhadamente a sua oferta e seus apelos de consumo.

2.1 O maior livro do mundo

A Bíblia Sagrada é o documento de maior abrangência que a humanidade produziu. Ela é o livro mais traduzido, distribuído e lido de todos os tempos. Está disponível pelo menos em parte em 2.426 línguas (ABNB⁴ n. 216), o que equivale a 95% da população mundial (ABNB n. 215).

A tradução empreendida por João Ferreira de Almeida é a obra mais editada em língua portuguesa (ALVES, 2006). Apenas no Brasil, conta com mais de 1.763 edições publicadas. Dessa forma não é de se admirar que a Bíblia seja também o livro mais lido no País. No ano 2000, uma pesquisa da Câmara Brasileira do Livro revelou que pelo menos 18% da população tinha nas Escrituras a escolha literária mais rotineira. (SILVA, 2007).

Documento público para toda a humanidade (FENN, 1963), a Bíblia repercute sua influência em toda a cultura ocidental, penetrando seus temas na literatura, na música, nos ditos populares, nas artes plásticas, cinema etc. Esse é o domínio de estudo da disciplina denominada “história da recepção”, que parte da premissa de que a Bíblia, como portadora de

⁴ Daqui para frente a sigla “ABNB” faz referência à revista “A Bíblia no Brasil”.

cultura, tem efeitos mais abrangentes do que a própria teologia admite (MILTON, 2005). Entretanto um estudo mais aprofundado do impacto do livro na sociedade brasileira demandaria uma pesquisa à parte, e não será abordado nesta monografia.

Vale mencionar que o livro sagrado para o cristianismo esperou milênios até estar disponível para pessoas comuns. Foram inúmeros empecilhos a tal concreção: restrição pelas autoridades eclesiásticas, elevados custos de produção, ausência de idiomas oficiais antes do surgimento das nações na modernidade, analfabetização da maior parte do mundo.

Entretanto, o que outrora fora oculto às massas, detido por uma pequena classe de clérigos, tornou-se o livro mais traduzido, distribuído e lido em toda a história. A Bíblia é comercializada em larga escala há dois séculos na Europa, e há algumas décadas no Brasil. Hoje, é um fenômeno editorial mundial, em que o País lidera com folga a primeira posição na produção, distribuição e vendas (ABNB n. 221). Por esta causa, este capítulo abordará pormenorizadamente a importância do Brasil no âmbito da produção e distribuição de Bíblias.

2.2 A atuação das Sociedades Bíblicas

Parte da enorme popularidade da Bíblia deve muito às Sociedades Bíblicas distribuídas ao redor do globo.

Filiadas a uma fraternidade chamada Sociedades Bíblicas Unidas (SBU), elas somam 145 unidades com atuação em mais de 200 países. No ano de 2006, só as SBU foram responsáveis pela circulação de mais de 25,7 milhões exemplares da Bíblia (ABNB n. 216, p. 05).

No ano seguinte, a distribuição mundial efetuada pela SBU cresceu 5%, atingindo 27 milhões de cópias (ABNB n. 221, p. 30). Os últimos dados disponíveis apontam para mais de 28 milhões e 400 mil Bíblias distribuídas no ano de 2008⁵. A expansão das atividades das sociedades bíblicas pelo mundo configura uma tendência positiva para a penetração do produto. Nesse cenário a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) desempenha um papel fundamental na produção e distribuição para o mundo inteiro, despontando como líder em exportações. Passamos a perceber a Bíblia como fenômeno editorial no Brasil, desdobrando

⁵ Relatório da SBU disponível em: <http://bit.ly/distribuicao_sbu>

as mudanças presentes no mercado religioso e o impacto provocado nas práticas sociais que envolvem o consumo do livro.

2.3 SBB e Gráfica da Bíblia

A SBB é a maior produtora e distribuidora de Bíblias do mundo e, desde a sua fundação, em 1948, já distribuiu mais de 60 milhões de exemplares do livro (ABNB n. 219). Em território nacional, são mais de 5 milhões de Bíblias distribuídas anualmente. Em 2009, a Sociedade quebrou seu próprio recorde, com a distribuição de 6.007.759 de livros (Fig. 1).

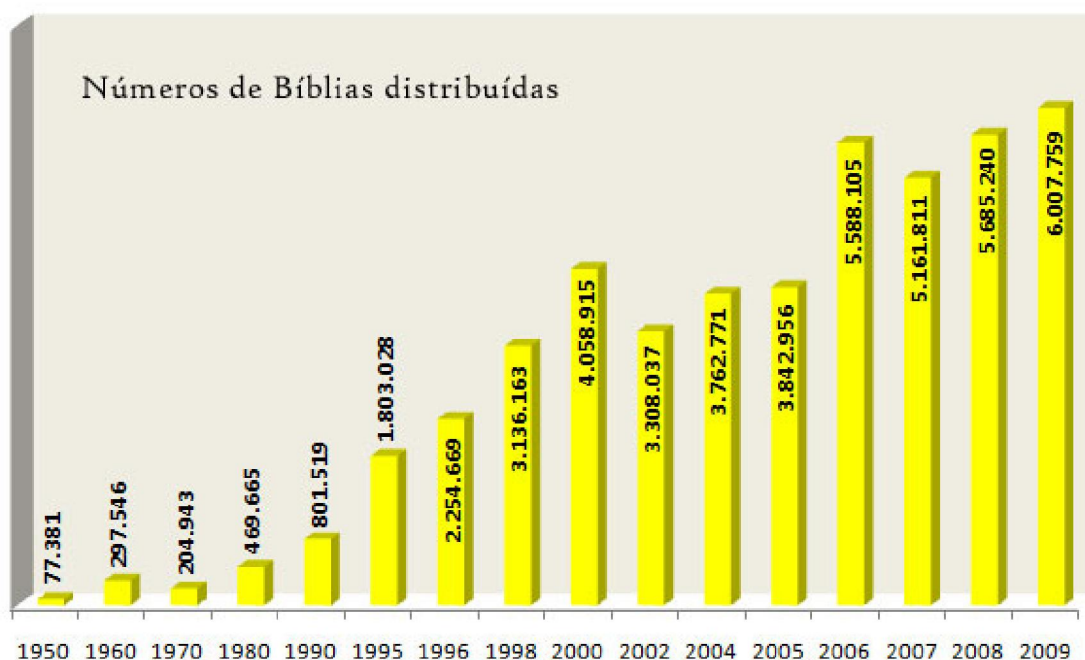


Fig. 1: Número de Bíblias distribuídas pela SBB⁶

Para dar uma idéia, os números brasileiros superam com larga vantagem os países seguintes no ranking de 2008 da SBU: China (3 milhões), EUA (2,3 milhões), Coréia (1,94 milhão) e Índia (1,35 milhão) (ABNB n. 221).

Desde sua inauguração, em julho de 1995, a Gráfica da Bíblia, localizada no município de Barueri, estado de São Paulo, já exportou produtos para 102 países (ABNB n. 222). A intensificação das exportações fez com que a empresa trocasse sua missão

⁶ Disponível em: <http://bit.ly/distribuicao_sbb>

institucional “Dar a Bíblia à pátria” para “Dar a Bíblia ao mundo”. A gráfica é equipada com impressoras rotativas e tem capacidade para produzir 1,2 milhão de Bíblias por mês, trabalhando em dois turnos (ABNB n. 215).

Até aqui a principal fonte de dados da pesquisa foram edições da revista “A Bíblia no Brasil”, produzida pela SBB e distribuída nacionalmente em uma tiragem média de 85 mil exemplares. A editora também disponibiliza uma versão em PDF para download em seu portal⁷. Este capítulo prosseguirá descrevendo a profissionalização da indústria de produtos evangélicos no país, que culmina em uma nova expressão de consumo de Bíblias e em apelos de venda bastante diferenciados.

2.4 A emergência de um novo mercado

Em reportagem para a revista Istoé Dinheiro (MAHMOUD, 2006), Iana Coimbra, assessora de marketing e comunicação do grupo Diante do Trono, comenta que a profissionalização das atividades da Igreja ocorreu sobretudo nos últimos dez anos, como um reflexo da mudança do perfil do evangélico, cada vez mais exigente com a qualidade.

Na mesma reportagem, o organizador da quinta edição da “ExpoCristã”, evento para expositores do ramo, garante que a cada ano há um crescimento de 8% no mercado consumidor brasileiro, com a abertura de cerca de 14 mil novas igrejas. Os bens simbólicos em questão estão presentes não somente em livrarias evangélicas, mas também nos departamentos “gospel” de grandes redes de varejo como Saraiva e Siciliano. Para se ter uma idéia, um livro sem uso pode ser adquirido em edições populares a partir de R\$ 2,99. Sua penetração é imensa, estando presente das lojinhas nos templos ao catálogo da Avon.

Há mercados em franca expansão. O de livrarias, por exemplo, conta com uma Associação Brasileira de Editoras Cristãs, a ABEC, que reúne cerca de 80 editoras, e uma Associação Nacional de Livrarias Evangélicas (ANLE), com cerca de 1500 pontos de venda. (MAHMOUD, 2006, *online*)

As Bíblias permanecem como carro-chefe dessa indústria, aparecendo nos formatos mais variados para atender às necessidades e preferências dos consumidores. Conforme

⁷ <www.sbb.org.br>

mencionado anteriormente, a tradução empreendida por João Ferreira de Almeida conta com mais de 1.763 edições publicadas somente no Brasil.

2.5 Industrialização e recrudescimento das igrejas pentecostais

Esse capítulo demonstra a existência de uma indústria cultural evangélica no Brasil, na qual mensalmente surgem novos produtos, com os mais variados apelos de venda. Nesse trabalho os termos “evangélico” e “protestante” são tratados como sinônimos, abrangendo grupos religiosos herdeiros da Reforma Protestante no séc. XVI.

Podemos entender os pentecostais como uma vertente protestante que enfatiza carismas como milagres, cura e glossolalia (falar em outras línguas). Esse grupo apresenta a maior taxa de crescimento de todas as religiões do Brasil, conforme os dois últimos Censos Demográficos (ALMEIDA, 2001). Entende-se que o fenômeno editorial de Bíblias no Brasil está diretamente relacionado ao reencantamento religioso vivido por pentecostais nos grandes centros urbanos.

Muitos autores apontam a industrialização como causa de sofrimento para o homem: Durkheim (apud WHITE, 2002) denuncia a industrialização como causa da fragmentação social. Semelhantemente, Bosi (1987) acusa o capitalismo de consumir e desagregar valores conquistados pela práxis coletiva. Na sociedade capitalista avançada a religião ameniza tensões (WHITE, 2002), ressurgindo enquanto um novo tipo de moral (OLIVEIRA, 2005).

Nesse contexto os freis Mesters e Orofino relacionam o êxodo rural no Brasil com o fortalecimento do movimento pentecostal:

[...] o fenômeno intrigante da evasão em massa dos fiéis das igrejas tradicionais para as igrejas pentecostais, que tem a ver com a mudança sócio-econômica havida nos últimos 50 anos. Na metade do século XX, em torno de 75% da população brasileira vivia no campo, área rural. A industrialização e o êxodo rural produziu uma mudança radical. No censo de 2001, 82% da população vive na cidade e somente 18% no campo. (MESTERS & OROFINO, 2002, *online*)

Os autores prosseguem explanando que a autoridade moral e social exercida pela Igreja Católica foi dessa forma cooptada pela experiência comunitária nos grupos pentecostais das periferias das grandes cidades. Essa mudança apresenta como aspecto positivo não somente a evidente intensificação da leitura da Bíblia pelos fiéis pentecostais, que repercute

no incremento do mercado, mas também um resgate de leitura pelos próprios católicos nas Comunidades Eclesiais de Base. O desenvolvimento do método de leitura popular da Bíblia apareceu como reação ao que os católicos chamavam de "ameaça protestante", tradicionalmente mais arraigados à leitura que os católicos.

2.6 Versões e traduções da Bíblia na era da pluralidade religiosa

Vale destacar que o fenômeno editorial de Bíblias pelo mundo é marcadamente uma atuação da vertente protestante. Por isso, no Brasil, as Bíblias da tradição protestante serão usadas por muitos católicos e até mesmo por grupos de outras orientações religiosas, como os espíritas, por exemplo.

As Bíblias protestantes preponderam no mercado, produzidas aos milhões por ano a um baixo custo. Elas diferenciam-se das Bíblias de tradução católica em alguns aspectos como tradução, divisão capitular-versicular, e, principalmente, pela listagem de livros em seu volume. As Bíblias católicas incluem no Antigo Testamento alguns livros que não são tidos como divinamente inspirados por protestantes e também por judeus. “Cânon” ou “cânone” é como se chama a listagem dos livros considerados sagrados. Dessa forma o canon bíblico irá variar dentro das religiões do livro: católicos, protestante e judeus. O cânon católico inclui os seguintes livros: Tobias, Judite, I e II Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico e Baruc, além de adições aos livros de Ester e Daniel.

Outro aspecto interessante sobre a produção de Bíblias num momento de pluralidade religiosa é que testemunhas de Jeová já possuem sua própria tradução da Bíblia em língua inglesa. A diversificação na oferta de Bíblias aponta uma tendência para a proliferação de novas edições orientadas para grupos específicos, o que pode acarretar novas traduções por parte de diferentes grupos religiosos. No Brasil, como foi dito anteriormente, as traduções protestantes, principalmente as versões de João Ferreira de Almeida, impõem-se absolutas sobre traduções concorrentes, sendo incorporadas por devotos de outras religiões.

Nas congregações evangélicas, os fiéis costumam adquirir a mesma tradução que é usada pelo pregador, a fim de acompanhar mais adequadamente as eventuais leituras públicas.

2.7 Inovações presentes em apelos de venda

A segmentação continua por propostas visuais diferenciadas. A Bíblia não é mais aquele livrinho tradicional de tamanho médio e capa preta de couro, eventualmente guarnecida com zíper e índice digital. O maior livro do mundo ganha novos recursos como forma de diferenciação de produto. Nesse sentido um esforço pioneiro por parte da pesquisadora traça as principais tendências presentes nessa nova oferta. As novas opções incluem:

2.7.1 Apelos de venda presentes em Bíblias comuns

a) Bíblias bilíngües: adaptam a diagramação tradicional, separando um idioma para uma das duas colunas da página. Dessa forma os versículos ficam lado a lado, favorecendo a comparação. Os casos mais comuns de Bíblias bilíngües são de exemplares do Novo Testamento em Português-Inglês e em Português-Grego. Também aparecem versões do Antigo Testamento em Português-Hebraico, para estudiosos do idioma em que o texto foi originalmente escrito.



Fig. 2: Bíblias bilíngües

b) Ergonômicas: versões de bolso para facilitar o transporte; versões em letra grande (ou gigante) para idosos e deficientes visuais; versões em cores especiais para ressaltar

determinados trechos da leitura (profecias, falas de Jesus); versões que dispõem na mancha gráfica de todas as páginas espaços em branco para anotações do leitor.



Fig. 3: Bíblias ergonômicas

c) Decorativas: nesse item entram as versões que se diferenciam meramente pela estética, sem apresentar nenhuma outra função especial: Bíblias esportivas em estilo basquetebol; Bíblias com capa em jeans; em pelúcia cor-de-rosa; executiva, com estampa militar camuflada; emborrachadas; capa tipo carteira com glitter e velcro; capa tipo agenda; etc.



Fig. 4: Bíblias decorativas

d) com Anexos: o produto pode apresentar mais de um apelo de venda. Este é o caso da Bíblia decorativa de plumas pink abaixo, que anexa um hinário ao final do seu volume. Os anexos mais comuns são hinários e chaves-bíblicas. As “chaves” são índices que ligam um termo a referências dos versículos em que esse termo aparece (ver Fig. 10, no item 3.1).



Fig. 5: Bíblias com anexos

e) Personalizadas: O Projeto Bíblia de Afinidade da SBB proporciona edições por demanda, em que a capa e um encarte interno são personalizados de acordo com o pedido do cliente. As aplicações mais comuns são feitas para congregações ou igrejas. Edições para datas comemorativas como casamentos, bodas de prata e estréias de debutantes (Fig.6) também são populares.

Igrejas, empresas, organizações e até mesmo pessoas físicas têm à disposição um serviço que permite fazer uma edição da Bíblia ou do Novo Testamento com sua logomarca ou associada a alguma data especial. (...) No caso de Bíblias, o pedido mínimo é de mil exemplares; já para o Novo Testamento é preciso encomendar uma tiragem de pelo menos 5 mil. (ABNB n. 214, p. 20)

Em 2006, 2,4 milhões de exemplares de Bíblias – o equivalente a 42% do total distribuído no ano – foram produzidos de forma personalizada para igrejas das mais diferentes denominações (ABNB n. 215). A Oficina G3, uma das bandas de rock cristão mais prestigiadas do País, produziu como ação promocional um Novo Testamento com foto da banda e logomarca ilustrando a capa (Manga, 2008).



Fig. 6: Bíblias personalizadas

2.7.2 Apelos de venda presentes em Bíblias de estudo

Até aqui foram oferecidas categorias de Bíblias “comuns”, que neste trabalho convencionam-se como opostas às Bíblias “de estudo”.

As Bíblias comuns podem apresentar alguns auxílios para o leitor, como mapas e cronologia, que são geralmente anexados ao final da encadernação. As páginas de texto podem apresentar referências cruzadas, que são pequenas indicações ao pé da página, remetendo à repetição da mesma passagem alhures no volume. Esse caso é bastante comum nas citações que o Novo Testamento faz do Antigo ou nos casos de paralelismo entre os quatro evangelhos.

As Bíblias “de estudo” diferem das “comuns” por incluir notas explicativas na maioria das páginas. Nas Bíblias de estudo os auxílios ao leitor são mais abundantes. Algumas delas incluem na diagramação, além de notas de rodapé, caixas de textos auxiliares, que pretendem narrar histórias análogas aquelas contidas no primeiro nível de leitura. Esses auxílios podem acabar ocupando mais espaço na página do que o texto principal.

As imagens a seguir contrastam a diferença da diagramação de uma página de uma Bíblia comum versus a diagramação de uma página da Bíblia da Mulher. Na segunda imagem percebe-se uma profusão de elementos hipertextuais tomando lugar da página em relação ao texto principal.

O EVANGELHO SEGUNDO

MATEUS

A genealogia de Jesus Cristo Lc 3.23-38

- 1 Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão.
- 2 Abraão gerou a Isaque; Isaque, a Jacó; Jacó, a Judá e a seus irmãos;
- 3 Judá gerou de Tamar a Perez e a Zerá; Perez gerou a Esrom; Esrom, a Arão;
- 4 Arão gerou a Aminadabe; Aminadabe, a Naassom; Naassom, a Salmom;
- 5 Salmom gerou de Raabe a Boaz; este, de Rute gerou a Obede; e Obede, a Jessé;
- 6 Jessé gerou ao rei Davi; e o rei Davi, a Salomão, da que fôra mulher de Urias;
- 7 Salomão gerou a Roboão; Roboão, a Abias; Abias, a Asa;
- 8 Asa gerou a Josafá; Josafá, a Jorão; Jorão, a Uzias;
- 9 Uzias gerou a Jotão; Jotão, a Acaz; Acaz, a Ezequias;
- 10 Ezequias gerou a Manassés; Manassés, a Amom; Amom, a Josias;
- 11 Josias gerou a Jeconias e a seus irmãos, no tempo do exílio em Babilônia.
- 12 Depois do exílio em Babilônia, Jeconias gerou a Salatiel; e Salatiel, a Zorobabel;
- 13 Zorobabel gerou a Abiúde; Abiúde, a Eliaquim; Eliaquim, a Azor;
- 14 Azor gerou a Sadoque; Sadoque, a Aquim; Aquim, a Eliúde;
- 15 Eliúde gerou a Eleázar; Eleázar, a Matã; Matã, a Jacó.
- 16 E Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo.
- 17 De sorte que tôdas as gerações, desde Abraão até Davi, são catorze; desde Davi até ao destêrro para a Babilônia, catorze; e desde o destêrro de Babilônia até Cristo, catorze.

*1.11: 2 Rs 24.14, 15; 2 Cr 36.10; Jr 27.20. *1.18: Lc 1.27. *1.21: Lc 1.31. *1.23: Is 7.14. *1.25: Lc 2.21.

O nascimento de Jesus Cristo Lc 2.1-7

- 18 Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria*, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo.
- 19 Mas José, seu espôso, sendo justo e não a querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente.
- 20 Enquanto ponderava nestas cousas, eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo.
- 21 Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque êle salvará o seu povo dos pecados dêles.
- 22 Ora, tudo isto aconteceu, para que se cumprisse o que fôra dito pelo Senhor por intermédio do profeta:
- 23 Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e êle será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco).
- 24 Despertado José do sono, fêz como lhe ordenara o anjo do Senhor, e recebeu sua mulher.
- 25 Contudo, não a conheceu, enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus.

A visita dos magos

- 2 Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, em dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do oriente a Jerusalém.
- 2 E perguntavam: Onde está o recém-nascido Rei dos judeus? porque vimos a sua estréla no Oriente, e viemos para adorá-lo.
- 3 Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes e, com êle, toda Jerusalém;

Fig. 7: Diagramação de uma Bíblia comum

19 Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus.
20 Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles.

Quantas vezes se deve perdoar a um irmão
Lc 17.3-4

21 Então, Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?
22 Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete.

A parábola do credor incompassivo

23 Por isso, o reino dos céus é semelhante a um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos.

18.21 A tradição rabínica ensina que um pecado repetido deve ser perdoado três vezes, mas não uma quarta vez, pois, então, já não há mais perdão. Pedro, provavelmente, achasse que estava sendo generoso ao perdoar "sete vezes". A resposta de Jesus sugere que se deve perdoar infinitamente. Depois, simplifica a resposta com uma parábola. A comparação entre o que o servo devia para o rei e a dívida de seu companheiro é quase ridícula

24 E, passando a fazê-lo, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos.

25 Não tendo ele, porém, com que pagar, ordenou o senhor que fosse vendido ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía e que a dívida fosse paga.

26 Então, o servo, prostrando-se reverente, rogou: Sê paciente comigo, e tudo te pagarei.

27 E o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora e perdoou-lhe a dívida.

28 Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem denários; e, agarrando-o, o sufocava, dizendo: Paga-me o que me deves.

29 Então, o seu conservo, caindo-lhe aos pés, lhe implorava: Sê paciente comigo, e te pagarei.

30 Ele, entretanto, não quis; antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida.

(veja quadro *Moedas e medidas na Bíblia*). A figura é clara: Deus perdoou uma imensa dívida dos crentes; eles não devem se atrever a não perdoar as pequenas ofensas dos outros. A falta de perdão é uma forma sutil de assumir o papel de Deus e coloca os cristãos diretamente contra o Senhor. Aqueles que são perdoados devem perdoar se quiserem continuar a receber perdão (veja Sl 51; Lc 17, *Perdão*; quadro *Perdão: o caminho para a liberdade*).

Conflito

CONFLITO *Resolvendo desentendimentos*

O conflito é inevitável nos relacionamentos interpessoais. É humanamente impossível viver em total harmonia com os outros o tempo todo. Jesus disse a seus discípulos como deveriam ser resolvidas as discussões entre crentes (Mt 18.15-20). Paulo resolveu seu conflito com João Marcos, o qual havia acontecido entre a primeira e a segunda viagem missionária (At 15.36-41). João advertiu os cristãos a não ter ódio uns dos outros (1Jo 4.20-21).

A Bíblia apresenta diversos passos para resolver conflitos e para acertar desentendimentos entre as pessoas:

- 1) as Escrituras admoestam o crente a enfrentar o conflito — saber de sua existência e aceitar seu impacto. Cristo adverte seus discípulos a ir imediata e diretamente até a pessoa e discutir o problema com ela (Mt 18.15). Outras pessoas deverão ser envolvidas para mediar o conflito apenas se não houver uma solução na conversa particular entre os envolvidos (Mt 18.16-17);
- 2) a Bíblia instrui o crente a perdoar o conflito — deixar os desentendimentos para trás e continuar em harmonia, uma vez que tenham sido resolvidos. Evódia e Síntique foram encorajadas a substituir sua amargura por gentileza e a viver em harmonia pacífica, alegrando-se no Senhor (Fp 4.2-7).
- 3) a Bíblia encoraja o crente a deixar o conflito para trás. Paulo resolveu sua desavença com João Marcos e buscou oportunidades de trabalhar com ele (compare At 15.36-41 e 2Tm 4.9-11; veja Ec 1, *Curro*).

Jesus lembrou aos fariseus que o maior dos mandamentos é amar ao Senhor e ao próximo (Mt 22.37-40). O desejo de Deus é que seus filhos vivam em harmonia. Cristãos devem resolver conflitos com os outros substituindo a discórdia pelo amor: A ênfase não é na punição, mas na redenção (veja 2Co 2.5-11; 2Ts 3.14-15).

Veja também 1Jo 3.10-18; tópicos sobre *Comunicação* (Pv 15); *Conflitos* (Cl 5); *Perdão* (Sl 51; Lc 17); *Casamento* (Gn 2; 2Sm 6; Pv 5; Os 2; Am 3; 2Co 13; Hb 12).

Amar a seus filhos incondicionalmente é determinar que, não importa o que aconteça, você vai sempre buscar o bem deles, não o seu próprio.
Ian Silvious

Fig. 8: Diagramação da Bíblia da Mulher

Embora Erní Seibert (apud SILVA, 2007) defenda que as Bíblias desse tipo surgiram no mercado a partir da década de 1970, o que aconteceu foi um recrudescimento do mercado a partir do fenômeno de reencantamento religioso vivido nas grandes cidades pelos pentecostais. As Bíblias de estudo não tiveram um lançamento definido. Elas remontam desde a formação do livro, no período da atividade dos copistas em manuscritos na forma de rolo, que faziam anotações marginais explicativas.

À primeira vista pode parecer que as Bíblias de estudo são direcionadas a um público mais erudito, mas os apelos de venda são os mais variados (e inclusivos), como, por exemplo, na Bíblia do Surfista:

A Bíblia do Surfista traz o Novo Testamento na Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH) permeado por depoimentos de surfistas de diferentes gerações sobre a importância da Palavra de Deus em sua vida. (...) tem projeto gráfico contemporâneo, que inclui história em quadrinhos e ilustrações, além de adotar uma diagramação similar a de um livro comum, em uma coluna. O design chama atenção ainda pelos grafismos e tipo de letras (...) a Bíblia do Surfista traz expressões utilizadas pelos jovens, garantindo maior empatia com esse público. Entre os recursos oferecidos estão introdução aos livros bíblicos, referências cruzadas, *notas textuais e vocabulário*. (ABNB n. 213, p. 33, grifo acrescido)



Fig. 9: Bíblias de estudo

Existem Bíblias de estudo específicas para mulheres, para famílias, para pastores, para alcoólicos anônimos (Despertar). Bíblia de estudo Batalha Espiritual e Vitória Financeira, Bíblia com orientações de saúde. A oferta de Bíblias de estudo é tão abrangente quanto a de Bíblias comuns. Dentro desta categoria existem ainda muitos segmentos. A *Bible Store* do maior portal de venda de livros do mundo, Amazon.com, propôs uma categorização preliminar de Bíblias de estudo no seu catálogo de produtos⁸, incluindo Bíblias de diferentes heranças teológicas (ex: Bíblia de Genebra), Bíblias com foco histórico-cultural, Bíblias comentadas por pregadores célebres (ex.: Scofield, Shedd) entre outras.

2.8 O consumo do sagrado

Fica claro que a segmentação de mercado, a diferenciação forçada do produto e a variedade de apelos de venda não acompanham as necessidades do público, pois estas superam largamente sua capacidade de apreensão. Existem tantos modelos de Bíblia pela

⁸ Disponível em <http://amzn.to/bible_guide>

mesma razão que existem tantos modelos de sabonete, não por uma necessidade real dos consumidores, mas por uma estratégia mercadológica que almeja diferenciar produtos que na verdade possuem o mesmo valor de uso.

Enquanto uma Bíblia comum custa menos do que R\$ 20, uma Bíblia de estudo custa em média R\$ 100. Vale trazer à tona que o comprador de uma Bíblia de estudo na maioria das vezes já possui uma Bíblia comum. Da mesma forma, uma menina que adquire uma Bíblia decorada com plumas pink não vai utilizar o produto na sua vida adulta. Certas Bíblias decoradas produzirão a necessidade de reposição do produto.

Os valores antigos, religiosos, artísticos, morais, lúdicos, que o capitalismo encontra, são consumidos até o osso e transformados em mercadoria para turismo, propaganda para TV... São rebaixados a objetos de curiosidade do espectador urbano. (BOSI, 1987, p. 24)

Por outro lado, percebemos pelas informações expostas desde o início do trabalho que a própria liturgia passa por um processo de industrialização no tocante a seus bens simbólicos religiosos.

A liturgia poderia ser um fator privilegiado de enraizamento. Bastaria que ela guardasse a memória da sua origem grega: *leitoygia*, serviço ou atividade feita pelo povo. [...] O enraizamento é um direito humano esquecido. O migrante vem chegando à cidade com as raízes partidas. a liturgia poderia enraizá-lo, criar e reviver tradições, valores, lembranças que dão sentido à vida. (BOSI 1987, p. 41)

Na nova oferta de Bíblias do Brasil, o consumismo foi incorporado pela liturgia, mas isso não significa uma supressão do sagrado. A Bíblia deve suas origens à uma atividade feita pelo povo; hoje ela é trazida para o povo: para adolescentes, empresários, esportistas, etc. A Bíblia é para todos, e seus leitores sentem-se abençoados pelo consumo do produto.

O capítulo a seguir discorrerá sobre como a Bíblia está sendo trazida para um grupo específico e significativo: as mulheres.

3. MODOS DE HIPERTEXTUALIDADE PRESENTES NA BÍBLIA DA MULHER

Porque recursos hipertextuais são o aspecto mais relevante na diferenciação de produto na nova oferta de Bíblias, cabe detalhar a definição do termo hipertexto. A teoria trará uma aplicação adequada para a análise das Bíblia de estudos.

3.1 A origem e função do hipertexto impresso

A pesquisa trata por hipertextos os textos auxiliares e demais recursos presentes nas Bíblias de estudo porque “Técnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões” (LÉVY, 1993, p. 31). Primo e Recuero classificam o caso impresso como um hipertexto de primeira geração, em que rodapés, remissões e índices fazem a interligação de diferentes textos. (PRIMO, 2006). Os hipertextos de segunda geração “emergem com as tecnologias informáticas, no qual o link confere velocidade à conexão entre diferentes documentos digitais” (PRIMO, 2006, p. 2).

A pesquisa trabalhará exclusivamente com o hipertexto bíblico de primeira geração. A Bíblia é um fenômeno editorial. Sua transposição para o meio digital não produziu uma mudança dos hábitos por parte dos leitores. A única contribuição significativa da inovação técnica é a ferramenta de busca de palavras-chave. Esse sistema defasou os volumes de “chave bíblica” e de “concordâncias bíblicas” (Fig. 10). Tais livros eram consultados para encontrar determinado versículo que o leitor não lembrava de cor. Funcionavam como índices ligando um termo aos versículos em que este estava presente. Com a ferramenta eletrônica de busca de palavras-chave (Fig. 11), o leitor não precisa mais se preocupar em memorizar referências de versículos.

Deus *cf* divindade, ídolo, Senhor

Gn 1.2 Espírito de D pairava..as águas
Gn 1.27 Criou D..homem à sua imagem
Gn 3.5 como D, sereis conhecedores do bem
Gn 5.24 Enoque..D o tomou para si
Gn 16.13 Tu és D que vê; pois disse ela
Gn 17.1 Eu sou o D Todo-poderoso: anda
Gn 21.22 D é contigo em tudo o que fazes
Gn 28.21 então o SENHOR será o meu D
Gn 31.13 Eu sou o D de Betel, onde
Gn 32.30 Jacó..Vi a D face a face
Gn 33.11 D tem sido generoso..comigo
Gn 45.8 D, que me pôs por pai de Faraó
Êx 2.24 Ouvindo D o seu gemido, lembr:
Êx 3.6 sou o D de teu pai, o D de Abraão
Êx 3.12 servireis a D neste monte
Êx 3.14 D a Moisés: EU SOU o que SOU
Êx 6.7 sabereis..sou o SENHOR vosso D
Êx 18.19 aconselharei, e D seja contigo
Êx 20.2 sou o SENHOR teu D, que te tirei
Êx 20.19 não fale D conosco, para que não
Êx 22.28 Contra D não blasfemarás, nem
Êx 31.3 o enchi do Espírito de D, de
Êx 31.18 escritas pelo dedo de D
Lv 24.15 Qualquer que amaldiçoar o seu D
Nm 16.22 Ó D, Autor..indignar-te-ás
Nm 21.5 E falou contra D e contra Moisés
Nm 23.19 D não é homem, para que minta
Nm 23.23 Que cousas tem feito D!
Dt 4.31 então..teu D não te desampará

Fig. 10: Excerto de uma Chave Bíblica

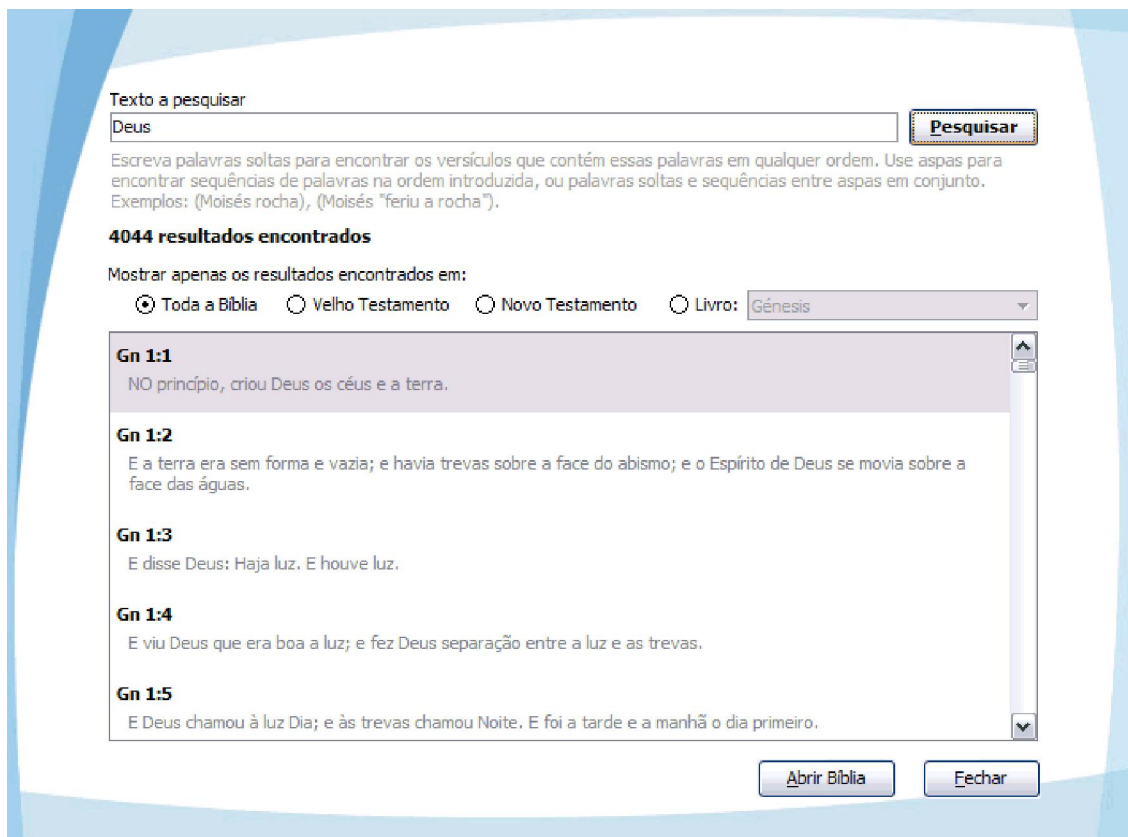


Fig. 11: Ferramenta de busca da enciclopédia digital *Mundo Bíblico*⁹

Feita essa colocação, lembra-se que o hipertexto de primeira geração é anterior à invenção da impressão dos tipos móveis na modernidade. Ele existe desde a época em que os manuscritos eram na forma de rolo, e permaneceu tanto na invenção dos códices quanto no surgimento da imprensa propriamente dita.

Além disso, Pierre Lévy trabalha a noção de hipertexto transcendendo qualquer suporte. Para ele o hipertexto é parte do pensamento humano:

A operação elementar da atividade interpretativa é a associação: dar sentido a um texto é o mesmo que ligá-lo, conectá-lo a outros textos, e portanto é o mesmo que construir um hipertexto. É sabido que pessoas diferentes irão atribuir sentidos por vezes opostos a uma mensagem idêntica. isto porque, se por um lado o texto é o mesmo para cada um, por outro o hipertexto pode diferir completamente. O que conta é a rede que o interpretante usará para captá-la. (LÉVY, 1993, p. 72)

Lévy trabalha a construção de hipertextos como práticas interpretativas. As Bíblias de estudo trarão hipertextos intradocumentais, formando diferentes camadas de leitura. Veremos

⁹ O programa tem licença livre está disponível pra download em <<http://www.baixatudo.com.br/mundo-biblico>>.

a seguir que a interpretação contida nesses hipertextos é forjada numa orientação bastante específica para atender a determinado público-alvo.

Cabe trazer que o Brasil pode ser o maior mercado de Bíblias do mundo, mas fica longe quando o assunto é produção dos comentários e recursos hipertextuais. Isso quer dizer que quase todas Bíblias de estudo trazem comentários produzido no exterior, traduzidos principalmente do inglês. Os EUA são o 3º maior mercado mundial (ABNB n. 221), mas o principal produtor, exportando conteúdo. A produção nacional de comentários bíblicos é incipiente, destacam-se a Bíblia de estudo Almeida, feita por uma comissão da SBB, e a Bíblia do Surfista, produzida pela Bola de Neve Church.

É necessário entender o lugar dos comentários dentro da tradição religiosa estudada. Nenhum comentário jamais atingirá o status de sacralidade do texto principal. A Bíblia é o livro mais famoso do mundo. Católicos professam a inerrância das Escrituras como um dogma. Semelhantemente, protestantes fundamentalistas basearão todas as suas crenças neste livro, relegando os erros a meros problemas nas traduções.

3.2 Hipertexto e práticas sociais de interpretação

No cap. 2 apresentou-se a inserção das Bíblias de estudo no fenômeno editorial do mercado evangélico. Essas Bíblias se diferenciam por transponir os tradicionais auxílios ao leitor, inserindo em seu projeto gráfico notas explicativas que muitas vezes funcionam como proposta interpretativa adequada a determinado grupo social (mulheres, surfistas, alcoólicos anônimos). De acordo com a terminologia apresentada, tratamos essas notas de rodapé como hipertextos, conectando textos distintos.

Tais notas agem como intermediários entre um texto considerado de valor eterno e um leitor moderno, cujos horizontes são necessariamente limitados pelas suas necessidades e seus interesses imediatos (...) Leitores humanos precisam de comentários somente porque suas necessidades e interesses paroquiais podem cegar ou distraí-los. (GRAFTON, 1997, p. 31-32, tradução da autora)¹⁰

¹⁰ Such notes act as intermediaries between a text considered to be of eternal value and a modern reader whose horizons are necessarily limited by immediate needs and interests (...) Human readers need commentaries only because their parochial needs and interests may blind or distract them

Muitos autores criticam essas interpretações. Para Bosi (1987), as interpretações contidas em folhetos religiosos condenam ao fechamento uma obra aberta, turvam a fonte de significação infinita e impedem a livre decodificação. O autor propõe que essas interpretações poderiam converter-se numa rápida apresentação histórica. A crítica de Santos (2008) em relação à Bíblia de Scofield¹¹ é de cunho teológico, pois denuncia que "quem tem Bíblia de Scofield possui a Bíblia e um sistema doutrinário em um só livro".

A crítica à inserção de anotações no texto sagrado culminaria em discussões de domínio da teologia. Este trabalho visa detalhar a presença do hipertexto em Bíblias de estudo. Desde seu princípio a Bíblia foi constituída como uma atividade do povo, não foi instituída de cima para baixo. Na atualidade Bíblias de estudo possuem apelos diferenciados entre si, que de alguma forma propõe a inclusão dos mais diversos segmentos. A construção de comentários não está restrita a uma elite eclesiástica ou erudita, mas àqueles que possuem conhecimento técnico dos meios de produção e distribuição pela indústria editorial.

Na próxima etapa da pesquisa, o objetivo será mostrar o funcionamento do hipertexto impresso em Bíblias de estudo, tomando como corpus a Bíblia da Mulher. Nesse ponto é necessário proceder um detalhamento sobre como os recursos disponíveis são relacionados com o texto principal e orientados para uma audiência específica.

3.3 A Bíblia da Mulher

Dentro de uma enorme diversidade de Bíblias à disposição no mercado brasileiro, cabe escolher como corpus de trabalho um produto que abranja um nicho representativo do público-alvo na cena de consumo. Nesse sentido,

[...] os pentecostais constituem (...) 11,8% da população, e apresentam a maior taxa de crescimento conforme os dois últimos Censos Demográficos. O grande contingente é feminino: 63,7% (...) Contudo, algumas denominações pentecostais conseguem ter um índice ainda maior do que este. Quase 80% dos que frequentam a Igreja Universal, por exemplo, são compostos por mulheres. (ALMEIDA, 2001, p. 95)

¹¹ A Bíblia de Scofield é fruto dos comentários produzidos pelo célebre e polêmico pregador Cyrus Ingerson Scofield, que exerceu grande influência nos Estados Unidos entre os séculos XIX-XX.

Os dados que Almeida traz são do censo do ano 2000, mas já apontam para a importância que a mulher vem exercendo no cenário pentecostal. As atualizações promovidas por um novo censo trarão contribuições fundamentais para o entendimento da dinâmica religiosa e expansão do movimento pentecostal no País.

No mercado, as principais publicações dirigidas para esse público são a “Bíblia da Mulher” e a “Bíblia da Mulher que Ora”, ambas pela editora Mundo Cristão. De acordo com a revista “A Bíblia no Brasil”, a Bíblia da Mulher é a edição de maior sucesso entre o público feminino (ABNB, n. 227, p. 29). Devido sua grande popularidade, ela ganhou uma segunda edição com novo projeto gráfico e editorial no ano de 2010, no período do término dessa pesquisa.

Tendo isso em vista, a presente etapa da pesquisa analisará como os hipertextos presente em camadas de leitura da Bíblia da Mulher se articulam como recurso simbólico num claro posicionamento em relação ao público imaginado.

Esse posicionamento fica claro já na primeira página de apresentação do livro, que propõe que:

A Bíblia da Mulher é uma ferramenta única para desvendar a Palavra de Deus mediante estudos das Escrituras preparadas *por mulheres, para mulheres, sobre assuntos relevantes às mulheres*. (BÍBLIA DA MULHER, 2003, p. X, grifos acrescidos)

Nessa Bíblia de estudos a mulher aparece como sujeito, público-alvo e objeto de estudo dentro da narrativa sagrada. O que está em jogo não é a expertise ou formação teológica por parte das autoras dos hipertextos; mas o engajamento na tarefa de produzir uma ferramenta que ancore conteúdo relevante para o nicho. Por isso,

Mais de 80 mulheres de diferentes denominações, formações étnicas e de diversas ocupações compuseram a equipe editorial (...) Solteiras, viúvas, mães e avós – todas combinaram sua formação e talentos (BÍBLIA DA MULHER, 2003, p. X)

Nesse clima, ao invés de figurarem como historiadoras, antropólogas, lingüistas ou arqueólogas de manuscritos, as editoras apresentam-se como “solteiras, viúvas, mães e avós”. O lugar da mulher no seio da família funcionará como ponto de partida para explicar e interpretar o texto bíblico.

Um objeto extenso como este precisa de um recorte adequado para o esforço da pesquisa. Por isso dentro dos sessenta e seis livros da tradição protestante, foi escolhido o

evangelho de Mateus. Este evangelho inaugura o Novo Testamento, trazendo mais de cinquenta referências literais do Antigo. É um livro chave para entender a mudança de paradigma entre judaísmo e cristianismo, entre Antigo e Novo Testamento.

Dessa forma os hipertextos presentes no evangelho de Mateus da Bíblia da Mulher ilustrarão o posicionamento “por mulheres, para mulheres, sobre assuntos relevantes às mulheres” no livro que traz boas novas¹² de um novo reino, em que Deus não faz diferença entre homem e mulher, entre judeus e gentios¹³.

3.4 Mulheres como leitoras

A Bíblia da Mulher (p. X) menciona que “em todos os lugares alcançados pelo Cristianismo, *o status* da mulher foi elevado”. É uma afirmação no mínimo ingênuo. A estrutura de dominação misógina obteve respaldo em diferentes religiões inúmeras vezes, como denuncia a historiadora feminista Michelle Perrot (2007. P. 83):

As grandes religiões monoteístas fizeram da diferença dos sexos e da desigualdade de valor entre eles um de seus fundamentos. A hierarquia do masculino e do feminino lhes parece da ordem de uma Natureza criada por Deus.

Entretanto, o uso da doutrinação religiosa como justificativa para a instituição de relações de poder que denigrem o sexo feminino não é de forma alguma exclusiva às tradições monoteístas. O sistema de castas hindu e o trato da mulher nos cultos tribais africanos constituem bons exemplos disto.

Não cabe aprofundar aqui as relações de gênero no protestantismo, mas é importante ressaltar em que sentido específico o status da mulher foi elevado pela reforma do séc. XVI. Nesse mérito, Perrot (2007) e Chartier (1998) confirmam que a prática da leitura foi durante milênios proibida às mulheres. Nesse ponto de vista, a Reforma Protestante é uma ruptura. “Ao fazer da leitura da Bíblia um ato e uma obrigação de cada indivíduo, homem ou mulher, ela contribuiu para desenvolver a instrução das meninas” (PERROT, 2007, p. 91).

¹² A palavra “evangelho” significa boas novas ou boas notícias

¹³ Referência à epístola de Paulo aos Gálatas verso 3:28

A historiadora prossegue relacionando o surgimento das escolas para os dois sexos na Europa protestante com conseqüências de longa duração sobre a condição das mulheres, como o acesso ao mundo do trabalho e à universidade. Em suma, pode-se concluir que a religião protestante contribuiu diretamente para a educação das mulheres e para a criação de um segmento do público leitor. Indiretamente, contribuiu para a ampliação da atuação feminina na sociedade.

É um aspecto importante, mas que não é trazido na apresentação editorial da Bíblia da Mulher. A contribuição do cristianismo é trazida como premissa, sem ser problematizada adequadamente. Até aqui foram trazidos excertos dessa apresentação, mas agora o trabalho prosseguirá explicando o funcionamento dos níveis de leitura presentes na mancha gráfica das páginas do texto bíblico, trazendo uma breve discussão sobre modelos de comportamento defendidos nestes textos auxiliares.

3.5 Análise dos níveis de leitura

Referências cruzadas, notas de rodapé, mapas, retratos, quadros e tópicos. Isso sem falar nas introduções aos livros e nos anexos ao fim da brochura. A Bíblia da Mulher oferece tantos recursos; há até mesmo um guia para detalhar a utilização de cada um deles.

A Fig. 9 do item 2.7.2 mostra os hipertextos da Bíblia da Mulher dispostos em camadas de leitura na diagramação de uma de suas páginas. Essas camadas formam níveis em relação ao texto principal. Esses níveis crescem à medida que se distanciam do significado imediato a que o texto se refere.

Os níveis de leitura se articulam num processo de deslizamento de significado, em que níveis baixos restritamente relacionam fragmentos do texto, passando por níveis médios, onde se verifica uma explicação expandida sobre o texto principal, até chegar aos níveis mais altos, que relacionam o texto sagrado com outros assuntos relevantes às mulheres.

Trocando em miúdos, tomando o texto bíblico como “nível 1”, perceberemos nos níveis de leitura seguintes um distanciamento em relação ao texto principal. Dessa forma o texto contido num Tópico (nível 5) não falará sobre o texto bíblico, mas vai tratar de outros assuntos, relacionando-os à narrativa principal.

Na seqüência, para entender melhor a dinâmica dos níveis de leitura e o deslizamento de significado correspondente, descrevem-se detalhadamente as características e funções de cada um desses recursos.

a) Nível 2: Referências cruzadas (versículos e parágrafos) e glosas

A disposição do texto bíblico em capítulos data do séc. XIII, a subdivisão desses capítulos em versículos data do séc. XVI (SILVA, 2007). A divisão foi procedida arbitrariamente, com o intuito de facilitar o manuseio e a anotação de referências. Também funciona como um recurso mnemônico que relaciona o texto com sua inscrição numérica.

A divisão versicular de Bíblias da tradição protestante nem sempre coincide com a divisão procedida nas Bíblias da tradição católica. Isso significa que, ao tomar a referência de um versículo em uma Bíblia de cada tradição, o texto correspondente poderá remeter a frases ligeiramente anteriores ou posteriores dentro de um mesmo capítulo.

A divisão capitular ente Bíblias das duas tradições também apresenta variações, mas em ocorrência consideravelmente menor. Dessa forma a uniformização da divisão capitular prepondera à uniformização da divisão versicular.

Conforme o que foi visto, salienta-se que as referências cruzadas são a forma hipertextual mais abundante, presente em Bíblias comuns e de estudo. Na Bíblia da Mulher a marcação das referências cruzadas é feita em cor-de-vinho por letras minúsculas, no caso dos *versículos cruzados*, na forma de legenda, no caso dos *parágrafos cruzados*, e por numerais cardinais, no caso das *glosas*.

¹⁰ Já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore^g, pois, que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. ^gMt 7.19

João dá testemunho de Cristo

Mc 1.7-8; Lc 3.15-17; Jo 1.19-28

¹¹ Eu vos batizo com¹ água, para² arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com³ o Espírito Santo e com³ fogo. ¹com; ou em

²para; ou à vista dem²com; ou em

¹² A sua pá, ele a tem na mão e limpará com-

Fig. 12: Referências cruzadas

Na imagem da página anterior, a ligação ente a letra “g” logo após a palavra “árvore” e a referência a um versículo em outra parte da Bíblia (Mt 7.19) forma um *versículo cruzado*. Sua principal função é relacionar frases semelhantes dispersas pelo texto. Nas Bíblias comuns, o cruzamento de versículos é feito nos rodapés das páginas (veja a fig. 8 no item 2.7.2). Embora, como foi dito antes, este recurso seja bastante ubíquo, não é muito popular entre os leitores. O uso dele fica restrito a leitores avançados, que leram todo o texto Bíblico mais de uma ou duas vezes.

Em seguida, logo abaixo do título em cor-de-vinho está um caso de *parágrafo cruzado*, em que a as inscrições na legenda agrupam versículos que contém repetição de um determinado texto: parábolas, relatos, profecias. Esse tipo de hipertexto é bastante comum nos quatro evangelhos, que relatam repetidamente a história de Jesus. Também aparece com frequência entre os livros Samuel, Reis e Crônicas, textos de origens distintas sobre a era dos reis de Israel.

Versículos cruzados e *parágrafos cruzados* traçam relações entre diferentes partes do texto sagrado, fazendo remissão direta a passagens dispersas em outras páginas do volume. Não são utilizados com frequência pelos seus leitores, mesmo assim, são os recursos hipertextuais mais simples dentre os oferecidos pela Bíblia da Mulher, cumprindo a risca o princípio luterano da *sola scriptura*, que defende que a Bíblia por si mesma se explica.

Por último, dentro do nível de leitura nº 2, as *glosas* trazem alternativas de vocábulos que variam nas cópias dos manuscritos antigos, propondo uma harmonização. Estão representadas na Fig. 11 em cor-de-vinho, ao lado de numerais cardinais. As glosas também podem trazer traduções complementares para determinadas palavras.

b) Nível 3: Notas de rodapé

As glosas e as notas de rodapé são a forma hipertextual mais antiga de que se tem história. Remontam ao início do livro, em rolos, onde copistas faziam observações escritas nas laterais das colunas de texto.

Bíblias comuns não costumam apresentar notas de rodapé, exceto por algumas edições da tradição católica. Em contrapartida, nas Bíblias de estudo aparecem como recurso predileto, trazendo explicações expandidas sobre o texto: condições históricas, lugar social

dos diferentes grupos mencionados, detalhes sobre o idioma em que os manuscritos foram escritos.

Vimos que algumas Bíblias de estudo incluem posições teológicas nas suas notas, mas por ora basta ressaltar que na Bíblia da Mulher o conteúdo dos auxílios ao leitor apresenta uma direção bastante específica, em concordância com seu posicionamento inicial, que é de aproximar o texto para o que é de interesse do público feminino.

Quantas vezes se deve perdoar a um irmão
Lc 17.3-4

21 Então, Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?

22 Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete.

A parábola do credor incompassivo

23 Por isso, o reino dos céus é semelhante a um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos.

27 E o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora e perdoou-lhe a dívida.

28 Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem denários; e, agarrando-o, o sufocava, dizendo: Paga-me o que me deves.

29 Então, o seu conservo, caindo-lhe aos pés, lhe implorava: Sê paciente comigo, e te pagarei.

30 Ele, entretanto, não quis; antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida.

18.21 A tradição rabínica ensina que um pecado repetido deve ser perdoado três vezes, mas não uma quarta vez, pois, então, já não há mais perdão. Pedro, provavelmente, achasse que estava sendo generoso ao perdoar "sete vezes". A resposta de Jesus sugere que se deve perdoar infinitamente. Depois, simplifica a resposta com uma parábola. A comparação entre o que o servo devia para o rei e a dívida de seu companheiro é quase ridícula (veja quadro *Moedas e medidas na Bíblia*). A figura é clara: Deus perdoou uma imensa dívida dos crentes; eles não devem se atrever a não perdoar as pequenas ofensas dos outros. A falta de perdão é uma forma sutil de assumir o papel de Deus e coloca os cristãos diretamente contra o Senhor. Aqueles que são perdoados devem perdoar se quiserem continuar a receber perdão (veja Sl 51; Lc 17, *Perdão*; quadro *Perdão: o caminho para a liberdade*).

Fig. 13: Notas de rodapé

Na imagem acima, a nota ocupa o espaço inferior da página, logo abaixo da linha cor-de-vinho. O espaço na diagramação pode conter notas sobre assuntos diferentes tratados na seqüência do texto. Vale ressaltar também que as notas de rodapé costumam apresentar menção a outras notas de rodapé, a versículos e aos demais hipertextos dispostos pelo livro. Curiosamente, elas não fazem referência das fontes das informações trazidas. Os hipertextos presentes na Bíblia da Mulher são essencialmente intradocumentais.

c) Nível 4A: Mapas

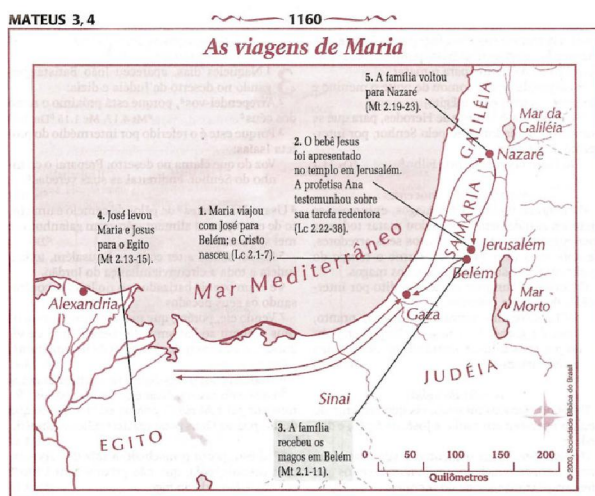


Fig. 14: Mapas

O recorte selecionado para o artigo apresenta apenas dois mapas: “As Viagens de Maria” (p. 1160) e “Os últimos dias de Cristo em Jerusalém” (p. 1194).

Qualquer outra Bíblia de estudo intitularia o mapa como “As viagens de Jesus na infância”, ou então daria outro título semelhante enfatizando a centralidade que Jesus ocupa na narrativa. Essa substituição ancora o público-alvo, salientando a importância de uma personagem feminina (Maria) na história contada.

d) Nível 4B: Retratos

Os retratos são um recurso peculiar da Bíblia da Mulher. Eles *“dão vida às mulheres da Bíblia”, “Muitas delas certamente se tornarão exemplo, inspiração, mestras e amigas para você”* (BÍBLIA DA MULHER, 2003, p. XI).

A ambiciosa esposa de Zebedeu

Enquanto Jesus ensinava seus discípulos, a mãe de Tiago e João ouvia, cheia de orgulho por seus filhos. Eles tinham um talento natural e eram dedicados ao Senhor; por isso, foram incluídos no círculo pessoal íntimo de Jesus. Tiago tinha nascido para ser líder (veja At 12.17; 15.13). João era comumente chamado de “discípulo a quem Jesus amava” (veja Jo 13.23).

O orgulho dessa mãe também se devia a uma ambição humana, e ela ajoelhou-se diante de Jesus para pedir um favor especial (Mt 20.21). Três vezes Jesus afirmou que seria condenado à morte e que ressuscitaria ao terceiro dia; mesmo assim, na crucificação, muitos de seus discípulos o abandonaram, provando que ouviram apenas o que desejaram ouvir. Ouviram apenas as promessas de que seus seguidores iriam sentar-se em tronos (Mt 19.28).

Tiago e João deixaram a mãe falar, mas nem eles nem ela entendiam os requisitos básicos para se assumirem responsabilidades espirituais. Jesus ouviu o pedido, mas colocou uma pergunta para seus filhos: “Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu estou para beber?” (Mt 20.22; Mc 10.36) Asseguraram a Jesus que sim, e então o Senhor começou a ensinar-lhes verdades elementares sobre líderes dispostos a servir: Jesus não rejeitou o pedido da mãe por seus filhos, mas, pelo contrário, corrigiu-o de modo inesperado (vs. 23,26).

Aquela mulher, que, sem dúvida, amava grandemente o Senhor e que tinha se juntado às mulheres que o serviam, é identificada como Salomé (veja Mc 15.40). Ela seguiu Jesus até à cruz e ao túmulo. Seu maior objetivo era levar os filhos até Cristo, e a influência dessa mãe dedicada a Deus ficou evidente na vida deles. Mas, como outros crentes, ela não conseguiu alcançar a essência da grandeza — a verdadeira humildade. Seguir a Jesus é tomar sua cruz (veja Lc 9.23-24). Salomé ensina a importância de imitar a Cristo, que “não veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10.45).

Veja também Mt 27.56; Mc 10.35-45; 15.40; 16.1;
Tópicos sobre Favoritismo (Pv 28); Maternidade (1Sm 1).

Fig. 15: Retratos

Embora o conteúdo seja uma simples explicação sobre as personagens, o destaque editorial revela que as mulheres da Bíblia são modelo de comportamento a ser seguido.

Essas caixas de texto ocupam espaço destacado na diagramação e aparecem nove vezes no Evangelho de Mateus. É uma frequência alta, se levarmos em conta o tamanho do livro (28 capítulos).

e) Nível 4C: Quadros (genealogias, linhas de tempo, explicativos, ampliados)

Quadros explicativos aparecem em muitas Bíblias de estudo, ocupando espaço destacado na diagramação. Costumam incorporar genealogias; linhas de tempo; medidas de volume, massa e distância; conversão de moedas etc. No caso em estudo, como já era de se esperar, refletirão a presença da mulher. O livro em recorte traz oito ocorrências, metade com destaque às mulheres e metade tratando de assuntos de interesse geral.

Bem-aventuranças para mulheres

<i>Bem-aventuradas...</i>	<i>Qualidade de caráter</i>	<i>Descrição</i>	<i>Referências</i>
as humildes de espírito (Mt 5.3)	Humildade	Despidas de orgulho e sensíveis ao ministério de Deus para o seu bem	Is 61.1; Lc 4.16-21; 7.22
as que choram (Mt 5.4)	Sensibilidade	Resposta à própria pecaminosidade e coração sensível com relação aos outros	Is 61.2; Ec 3.1-8; Lc 19.41; Jo 11.33,35.
as submissas (Mt 5.5)	Submissão	Demonstração de autocontrole e submissão	Mt 6.33; 1Pe 3.1-7
as que têm fome e sede de justiça (Mt 5.6)	Obediência	Desejo de ouvir e de fazer a vontade de Deus	Lc 1.53
as que são misericordiosas (Mt 5.7)	Compaixão	Praticar a fé para ir ao encontro das necessidades de outros	Lc 1.58
as que são limpas de coração (Mt 5.8)	Santidade	Um estilo de vida separado para Deus, que cuida de pensamentos e de ações	Sl 24.4-6
as que são pacificadoras (Mt 5.9)	Reconciliação	Deixar passar, ao invés de vingar-se; perdão dos erros; restauração da comunhão	Rm 3.25; 12.18; Ef 4.32; Fp 1.3-5; Tt 3.2; 1Jo 1.7
as que são perseguidas por causa da justiça (Mt 5.10)	Compromisso	Lealdade firme que não pode ser quebrada	Lc 13.35; 2Ts 2.15-17; 2Tm 2.3
as que são injuriadas e perseguidas (Mt 5.11)	Paciência	Boa vontade em suportar sofrimento	1Pe 2.19-21; 3.14; Ap 12.11

Fig. 16: Quadro “Bem-aventuranças para as mulheres”

O quadro da figura acima faz uma ampliação sobre as bem-aventuranças que iniciam o sermão da montanha (Mt 5:01-12), adequando o texto para o público feminino. Dessa forma, quando o texto principal diz “Bem-aventurados os que choram” (Mt 5:04), o quadro flexiona o gênero das palavras, trazendo: “Bem-aventuradas as que choram”, ressaltando a mulher como mulher público-alvo das profecias.

Na coluna seguinte algumas “qualidades de caráter” são trazidas como modelos de comportamento para as mulheres. Nesse ponto há um deslizamento de significado muito marcante. O quadro parte do conhecido texto das bem-aventuranças para promover algumas qualidades determinadas. Essas características são detalhadas e reforçadas por referências versiculares que trazem fragmentos de textos análogos em outros livros da Bíblia.

Vale trazer mais um exemplo, um quadro que apresenta uma dinâmica semelhante:

As mulheres e as parábolas de Jesus

<i>Parábola</i>	<i>Público</i>	<i>Aplicações</i>
A lâmpada sob o alqueire (Mt 5.14-16; Mc 4.21-22; Lc 8.16-17)	Aos discípulos	A vida e as palavras devem dar testemunho pessoal da graça redentora e transformadora de Deus.
O casamento (Mt 9.15; Mc 2.19-20; Lc 5.34-35)	Aos fariseus e discípulos de João	A alegria será encontrada na companhia de Cristo.
A roupa remendada (Mt 9.16; Mc 2.21; Lc 5.36)	Aos fariseus e discípulos de João	Jesus não veio para adaptar a antiga ordem de legalismo, mas para fazer novas todas as coisas.
Meninos na praça (Mt 11.16-17; Lc 7.31-32)	Às multidões preocupadas com João Batista	Aqueles que rejeitaram João e Jesus nunca ficam satisfeitos. Cuidado para não se tornar presa de caprichos pessoais.
O fermento (Mt 13.33; Lc 13.20-21)	Multidões na praia	Cuidado com os pecados que fazem sua vida corromper-se afastando-a do bem e da verdade.
A pérola de grande preço (Mt 13.45-46)	Aos discípulos	O valor do evangelho supera qualquer outro.
A veste nupcial (Mt 22.10-14)	Aos principais sacerdotes e fariseus	Mantenha sua vida pura e santa.
As virgens tolas e sábias (Mt 25.1-13)	Aos discípulos no monte das Oliveiras	Sempre esteja preparada e vigilante.
O banquete de casamento (Mt 22.2-9; Lc 14.16-23)	Aos principais sacerdotes e fariseus	Não rejeite o convite de salvação de Deus.
A moeda perdida ** (Lc 15.8-10)	Aos fariseus e escribas	Lembre-se do amor de Cristo pelo pecador e de sua determinação em trazê-los para si.
A viúva persistente (Lc 18.1-8)	Aos discípulos	Persevere em oração.

Fig. 17: Quadro “As mulheres e as parábolas de Jesus”

Novamente, fica explícita uma clara estratégia de ancoragem do texto das parábolas para o público feminino. Em algumas dessas parábolas (que são textos tão ou mais famosos do que as bem-aventuranças), a mulher não figura como personagem, nem sequer como público imediato, como fica explícito na coluna do meio. Dessa forma as aplicações presentes na terceira coluna do quadro trazem orientações a partir das palavras de Jesus.

Os quadros reforçam a identidade e o papel esperado para as mulheres crentes, já que

A Bíblia é um dos meios mais importantes pelo qual a identidade e o lugar da mulher devem ser definidos na sociedade (BÍBLIA DA MULHER, 2003, p. X)

Retomando o posicionamento da Bíblia da Mulher, vê-se que nos quadros a mulher é sujeito, público-alvo e objeto de estudo.

Os dois quadros trazidos aqui procuram aproximar o texto sagrado das mulheres, mas o conteúdo do texto principal é direcionado para ambos os sexos. Semelhantemente, as

aplicações e qualidades de caráter mencionados nos quadros ressaltam valores esperados tanto para homens quanto para mulheres.

f) Nível 5: Tópicos

O último nível de leitura é o que mais se distancia do conteúdo do texto sagrado. Por ironia, é o que mais chama atenção na diagramação. Os tópicos objetivam trazer aplicações práticas a partir de princípios encontrados nas Escrituras. Eles relacionam o texto com outros assuntos que são tidos como relevantes para o público pretendido. Nos tópicos o deslizamento do significado fica mais evidente do que em qualquer outro recurso hipertextual da Bíblia da mulher.

Noivado

Se você não pode alimentar centenas, alimente um.
Agnes Gonxha Bojaxhiu

NOIVADO *Um passo no compromisso*

O noivado ou contrato de casamento, na cultura judaica, era um laço formal entre um homem e uma mulher, quase como o compromisso do casamento, mesmo que sem a união física. De acordo com a Lei de Moisés, a penalidade para a quebra irresponsável desse compromisso por meio de fornicação, adultério, incesto ou estupro era a morte por apedrejamento (Dt 22.23-30). Sob determinadas circunstâncias, o noivado podia ser desfeito por carta de divórcio.

Normalmente, o período de tempo de um noivado era de mais ou menos um ano. Maria e José estavam noivos ou tinham contrato de casamento, mas não moraram juntos durante esse período. José é chamado de marido de Maria (Mt 1.19), mesmo que o relacionamento físico ainda fosse de celibato.

Na cultura atual, o noivado é considerado uma promessa feita pelo casal no intento de unir-se em casamento, mas não implica união obrigatória. De fato, o noivado é visto como período de aprofundamento da intimidade, no qual o casal tem liberdade para se certificar de que o casamento é realmente a decisão que devem tomar. Ficar noivo é o primeiro passo na união de duas vidas, na junção de duas personalidades e famílias, pleno de potencial das muitas gerações que virão.

Veja também Gn 24.1-67; 29.15-30.43; tópicos sobre *Compromisso* (Mt 16); *Namoro* (1Tm 4); *Dote* (1Rs 9); *Casamento* (Gn 2; 2Sm 6; Pv 5; Os 2; Am 3; Jo 2; 2Co 13; Hb 12); *Romance* (Cl 2); retrato de *Rebeca* (Gn 24).

Fig. 18: Tópicos

Dentro do recorte ocorrem sete tópicos. Três deles remetem explicitamente às relações familiares: Noivado, Novo Casamento, Divórcio. Os outros tópicos facilmente tocarão no mérito da família.

Um tópico merece destaque específico nessa análise, “Prioridades”, excertos abaixo:

A Bíblia traz orientações sobre as prioridades que Deus deseja que tenhamos (Sl 119:105-130)
- seus relacionamento pessoal com Jesus (Mt 6:33; Fp 3:08);

- seu comprometimento com seu lar e com a família – especialmente com o marido e os filhos (Gn 2:24; Sl 127:03; Ef 5:22-25; 6:04; ITm 3:02-05; 5:08; IPe 3:07);
 - suas responsabilidades profissionais e as tarefas assumidas (veja ITs 4:11-12); e,
 - seu serviço para Deus através dos ministérios da Igreja e do envolvimento com a comunidade (veja Cl 3:17)
- (...)
- A família deve ser mais importante que as ocupações, pois a Bíblia afirma com clareza, que não há sucesso se a família se perder. (BÍBLIA DA MULHER, 2003, 1165)

Esse tópico é acompanhado da seguinte citação:

Pessoas antes de coisas; pessoas antes de projetos; família antes de amigos; marido antes de filhos; marido antes de pais; dízimo antes de desejos; a Bíblia antes de opiniões; Jesus antes de tudo o mais - Jo Ann Leavel. (BÍBLIA DA MULHER, 2003, 1165)

Em suma, o tópico “Prioridades” prescreve as prioridades que a mulher deve ter. Para cada uma delas, usa referências versiculares de passagens que ancoram os valores propostos. A citação resume o modelo de comportamento dado. É um espelho, que traz valores adequados tanto para mulheres quanto para homens. Mas curiosamente, essa distinção não é trabalhada.

g) Nível 6: Citações Inspiradoras

As citações inspiradoras normalmente ficam dispostas nos espaços imediatos aos níveis 4B (retratos) e 5 (tópicos), numa forma de preencher os espaços em branco deixados pelos recuos das caixas de textos. No canto inferior esquerdo da Fig. 18 vemos o testemunho de uma mulher chamada Agnes Gonxha Bojaxhiu, que diz que “*se você não pode alimentar centenas, alimente um*”.

Essas citações são como um balão de pensamento, como um eco que o texto dos retratos e tópicos produz na audiência, formando uma comunidade de leitoras imaginárias dispersas por todo o mundo.

No evangelho em recorte encontramos dez ocorrências de citações, mas uma delas está repetida em páginas diferentes. Sendo assim, seis das nove diferentes citações observadas falam sobre a família, e cinco delas mencionam a criação de filhos:

Na criação do filhos, tudo o que você pode fazer é dar o melhor de si... Cuidamos do que é possível e deixamos o impossível para Deus – Ruth Bell Graham. (BÍBLIA DA MULHER, 2003, 1164)

Pessoas antes de coisas; pessoas antes de projetos; família antes de amigos; marido antes de filhos; marido antes de pais; díizimo antes de desejos; a Bíblia antes de opiniões; Jesus antes de tudo o mais – Jo Ann Leavel. (BÍBLIA DA MULHER, 2003, 1165)

Criar filhos da maneira que Deus deseja implica saber ponderar e orar – Joyce Rogers. (BÍBLIA DA MULHER, 2003, 1181)

O prazer do sexo, a expressão do amor e o desejo de ter filhos estão ligados de modo único e especial. – Charlene Kaemmerling (BÍBLIA DA MULHER, 2003, 1183)

Amar a seus filhos incondicionalmente é determinar que, não importa o que aconteça, você vai sempre buscar o bem deles, não o seu próprio. – Jan Silvius. (BÍBLIA DA MULHER, 2003, 1188)

A segurança de uma criança não está baseada em quanto seus pais a amam, mas, sim, em quanto seus pais amam um ao outro. – Susan Alexander Yates. (BÍBLIA DA MULHER, 2003, 1190)

Muitas vezes o assunto trazido na citação inspiradora não traz uma relação direta ao assunto tratado no retrato ou no tópico imediato, muito menos uma relação direta com o texto principal. Nos exemplos anteriores, fica evidente uma preocupação com o desempenho do papel de ser mãe. Na Bíblia da Mulher a criação de filhos é modelo para a construção da identidade cristã feminina.

Vale ressaltar novamente que os valores trazidos para a criação de filhos condiz tanto aos homens quanto às mulheres. Mas estão expostos em falas femininas para reforçar uma identidade compartilhada pela comunidade dispersa de leitoras.

3.6 O hipertexto estruturado como recurso interpretativo

No Nível de leitura 2 percebeu-se como os cruzamentos exaustivos entre versículos e entre parágrafos provocam a sensação de unidade do texto bíblico, reforçando o dogma

luterano da *sola scriptura*. Agora vale destacar que os demais níveis de leitura em análise também trarão ligações exaustivas entre si.

Isso quer dizer que uma nota de rodapé poderá remeter a algum quadro explicativo em uma página diferente. Esse quadro, por sua vez, poderá fazer menção a um retrato, que poderá citar um tópico, ad infinitum. Isso sem falar na miríade de versículos referidos como base das premissas trazidas.

As últimas linhas das figuras 15 e 18 exemplificam esse processo. Há referências versiculares dentro do texto e nas linhas que ocupam o final do espaço disponível na caixa. As referências a outros tópicos são feitas pela sigla do livro da Bíblia, seguida pelo número do capítulo (como no final da fig 15: “tópicos sobre *Compromisso* (Mt 16)”). Oculta-se o número da página. Isso acontece porque o leitor habitual da Bíblia (que lê pelo menos uma vez por semana) está acostumado a procurar textos pela divisão capitular-versicular, o que torna a indexação das páginas praticamente irrelevante. Deve ser levado em conta também que o leitor de uma Bíblia de estudos freqüentemente possui uma Bíblia comum ou então possui outras Bíblias em sua casa. Nesse sentido, um determinado capítulo provavelmente estará em páginas diferentes, dependendo da edição. O leitor habitual conhece (intuitivamente ou por memorização) a ordem dos livros na Bíblia, e, ao procurar um texto específico, valer-se-á da divisão capitular-versicular em detrimento da numeração das páginas.

Os recursos hipertextuais presentes nas Bíblias em geral e na da Mulher em particular apresentarão o esforço de relacionar-tudo-com-tudo. Um círculo hermético é garantido pela relação que as partes do texto principal e que as partes dos textos auxiliares mantém entre si, repetida e exaustivamente. Dito de outra forma, a trajetória traçada pelos hipertextos intradocumentais na Bíblia da Mulher culminará numa interpretação fechada em posições-padrão de acordo com o grupo religioso e o público pretendido.

Aqui há um embate entre deriva hermética e o que Peirce chama de semiose ilimitada. Umberto Eco trará luz a essa diferença explicando que

De um lado, assume-se que interpretar um texto signifique colocar em evidência o significado intencionado pelo autor ou, em todo caso, sua natureza objetiva, sua essência, uma essência que, considerada como tal, é independente de nossa interpretação. Do outro, assume-se, ao contrário, que os textos possam ser infinitamente interpretados. (ECO, 2000, p. 279)

Tendo isso em vista, verifica-se que ainda que hipertextos intradocumentais na Bíblia da Mulher e em demais Bíblias de estudo produzam deslizamento de significado, esses

mesmos hipertextos tomados em conjunto atuarão como uma forma de impedir a semiose ilimitada, fechando um caminho interpretativo.

Por último, o hipertexto é um apelo de venda que sobressai na diagramação, mas que nem sempre é consumido pelos leitores habituais. O produto apresenta um posicionamento específico, mas isso não quer dizer que condiciona um uso por parte de seus consumidores. Muitos leitores habituais da Bíblia fazem um plano anual de leitura, em que cumprem uma cota por dia, de normalmente três capítulos. Para o crente, os textos auxiliares são de leitura opcional.

4 A LEITURA DA BÍBLIA COMO PRÁTICA SOCIAL

4.1 O desuso da tradição de leitura pública e o correspondente impacto comunitário

A Bíblia deve suas origens à atividade de compiladores da tradição oral movidos pela intenção teológica de manter a vida em comunidade daqueles que se identificavam como “o povo de Deus” (ACKROYD, 1970, p. 79). A atividade comunitária não figura somente entre os reprodutores e compiladores da tradição oral, mas também no intenso intercâmbio epistolar das congregações cristãs emergentes durante a formação do cânon do Novo Testamento (EVANS, 1970, p. 240).

Roger Chartier e Roland Barthes trazem a lume que a Bíblia foi originalmente concebida para ser lida em público. Era essa a função da linguagem clássica, ela instituía um universo onde os homens não estavam sós, onde a fala era sempre o encontro com outrem. A linguagem clássica é uma linguagem imediatamente social (BARTHES, 1973). Chartier completa que a leitura em voz alta alimentava o encontro com o outro, sobre a base da familiaridade, do conhecimento recíproco, ou do encontro casual, para passar o tempo (CHARTIER, 1998).

A invenção da imprensa na modernidade mudará o cenário. O barateamento dos custos de produção e a multiplicação dos livros culminará no desuso das sessões de leitura pública. Surgem nos séculos XIII e XIV os primeiros textos que impunham silêncio nas bibliotecas (CHARTIER, 1998). Chega-se à situação contemporânea em que a leitura em voz alta é finalmente reduzida à relação adulto-criança e aos lugares institucionais (CHARTIER, 1998).

O desuso da leitura pública afetará também a maneira como as pessoas lêem a Bíblia. A leitura em cultos domésticos ou nas igrejas não é mais a maneira dominante. De fato a leitura pública da Bíblia nas igrejas ficou restringida a pequenos trechos.

4.2 Tendências em conflito: leitura coletiva x comunidades de consumo

Portanto, na nova oferta de Bíblias, a comoditização do livro provocará uma diminuição das práticas públicas de leitura. A Bíblia foi escrita para nutrir as práticas orais

que davam sentido à comunidade. A leitura do livro era um encontro com o outro. Por isso, a leitura da Bíblia em cultos domésticos ou na congregação proporciona uma condição de recepção mais adequada à forma como ela foi escrita na antiguidade.

Em lugar disso, como foi tratado aqui, A Bíblia da Mulher cria uma comunidade de leitoras orientada pelos conteúdos em seus hipertextos. As comentaristas da Bíblia da mulher estão em uma posição privilegiada em relação às leitoras, atuando como líderes de opinião. Elas falam a um público fragmentado, em que o particular prepondera as práticas coletivas:

[...] a parte mais importante do estudo da Palavra de Deus é sempre a leitura pessoal do texto das Escrituras e a disposição em permitir que essas palavras falem de modo particular a cada mulher (BÍBLIA DA MULHER, 2003, p. XI)

A comunidade de pessoas engajadas na leitura pública da Bíblia dá lugar ao que Bauman chama de uma “comunidade de interesses”. O cerne de uma comunidade desse tipo não será o relacionamento entre pessoas, mas a partilha em torno de um interesse comum: idéias, causas, produtos. As Bíblias de estudo orientadas a grupos específicos formarão comunidades de consumidores. Uma comunidade assim “tende a se dissolver antes mesmo de se solidificar” (Bauman 2003, p. 79).

5. Conclusão

Este trabalho começou destacando a importância da Bíblia na história do livro. Ela figurou como protagonista nas duas primeiras revoluções: do rolo ao códice, do manuscrito ao impresso. Atualmente um fenômeno de reencantamento religioso vivido pelos pentecostais nas grandes cidades implicará na emergência de uma indústria cultural evangélica nacional, transformando as relações de produção, recepção e consumo de Bíblias por parte dos crentes.

Grande parte da produção do conteúdo dessa indústria provém dos Estados Unidos, mas é o Brasil que desponta como maior mercado mundial. São mais de cinco milhões de Bíblias distribuídas anualmente em território nacional, afora a grande quantidade exportada para vários países. As traduções da tradição protestante preponderam as outras traduções presentes no mercado, e são adotadas por pessoas das mais variadas religiões: espíritas, mórmons, católicos.

Num campo tão fértil florescerão novos apelos de venda como formas de diferenciar a oferta de Bíblias, carro-chefe da indústria cultural evangélica no Brasil. Nesse trabalho foi feito um esforço pioneiro para sistematizar os principais segmentos presentes. A princípio estabeleceram-se duas grandes categorias: Bíblias comuns e de estudo.

A primeira categoria é segmentada em Bíblias bilíngües, ergonômicas, decorativas, com anexos e personalizadas. As Bíblias de estudo não foram propriamente segmentadas. Em lugar disso, foi trabalhado como que os textos secundários ancoram conteúdos específicos ao público-alvo: empresários, pessoas enfermas, adolescentes, surfistas e mulheres. É uma oferta imensa, onde novas edições são lançadas todos os meses, algo muito maior do que a capacidade de apreensão por parte do público.

No capítulo seguinte tornou-se necessário eleger um objeto que demonstrasse o funcionamento do hipertexto impresso em Bíblias de estudo. A Bíblia da Mulher foi escolhida por causa da representatividade do público pretendido, atuando massivamente nas denominações pentecostais. Os textos secundários do Evangelho de Mateus foram tomados como recorte, devido à extensão do objeto.

A Bíblia da Mulher constrói seus recursos interpretativos em concordância com um posicionamento bastante específico, em que a mulher é sujeito, público-alvo e objeto de estudo dentro da narrativa sagrada. Ela apresenta recursos auxiliares intercalando-os nas mesmas páginas que trazem a narrativa sagrada.

Referências cruzadas, notas de rodapé, mapas, retratos, quadros, tópicos e citações inspiradoras. Estes recursos hipertextuais articulam-se como uma prática interpretativa, apresentando deslizamento de significado em relação ao texto principal. As relações exaustivas presentes entre os níveis de leitura e o texto principal propõem o fechamento de um sistema interpretativo. A proposta existe, mas não implica numa adesão por parte das receptoras. Para o crente e leitor habitual da Bíblia, a leitura dos textos auxiliares é de caráter opcional.

A Bíblia da Mulher não ignora a condição da mulher na sociedade:

Foi destinada a suprir as necessidades da mulher, quaisquer sejam suas condições de vida – mergulhada em problemas familiares, frustrada por causa das injustiças em sua carreira, sobrecarregada por dificuldades da vida diária, pressionada pela exigência de fazer decisões vitais ou simplesmente para buscar uma palavra de Deus. (BÍBLIA DA MULHER, 2003, p. X)

Ela busca suprir as necessidades simbólicas e espirituais do público cristão feminino. Isso é realizado através de auxílios explicativos e textos secundários que aproximam o texto bíblico de suas realidades. Em outras palavras, há um esforço para demonstrar que a Bíblia faz sentido para a mulher hoje e sempre. Os hipertextos trazem um destaque à atuação da mulher dentro da narrativa sagrada. Mulheres comuns são trazidas para dentro da mancha gráfica da página bíblica através de pequenos testemunhos chamados de *citações inspiradoras*.

Por outro lado, a Bíblia da Mulher não problematiza as relações de gênero na religião protestante. Os modelos de comportamento presentes são trabalhados como dados e não como construções. Tais modelos não são necessariamente opressores, eles foram criados para suprir a necessidade das mulheres. Entretanto, a relação de dominação da mulher na sociedade antiga e na atual é abafada. É trabalhada como se já tivesse sido resolvida dentro do cristianismo.

Em suma, esta monografia buscou trazer para a pesquisa em comunicação um fenômeno relevante, que até então não houvera sido trabalhado, talvez pela falta de familiaridade dos pesquisadores do campo com o assunto. Os aspectos teóricos que abrangem o hipertexto, a recepção e o discurso provavelmente mereçam ser aprofundados em uma próxima oportunidade. Por outro lado, o objetivo de pesquisa foi atingido através de uma análise dos níveis de leitura, e pode-se dizer que a Bíblia da Mulher se posiciona ao público feminino ancorando modelos de comportamento nos seus textos auxiliares. Tais modelos

estão presentes numa tentativa de suprir as necessidades simbólicas de mulheres cristãs que lêem a Bíblia solitariamente, mas que, nessa prática, estão reunidas em uma comunidade de leitoras que compartilham as mesmas pressões e angústias, bem como o mesmo relacionamento com o divino. Assim, a função social do hipertexto impresso na Bíblia da Mulher é de proporcionar um espaço para a leitura da Bíblia em que o público feminino esteja amparado, mas sem desafiar suas posições-padrão sobre a fé e as relações de gênero.

Referências

ACKROYD, P.R. The Old Testament in the making. In: _____; EVANS, C.F. (orgs.) **The Cambridge History of the Bible**. Cambridge, London, New York, Melbourne: Cambridge University Press, p. 67-113, 1970.

ALMEIDA, R. & MONTERO, P. Trânsito religioso no Brasil. **SP em perspectiva**, 15 (3), p. 92-101, jul-set 2001.

ALVES, Herculano. A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida. **Revista Lusófona de Ciência das Religiões**, Ano V, n. 9/10, p. 289-302, 2006.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita, seguido de Elementos de semiologia**. Lisboa: Edições 70. 1973.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BÍBLIA DA MULHER, A. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2003.

BÍBLIA NO BRASIL, A. Barueri: SBB, ano 59, n. 214, jan-mar 2007.

BÍBLIA NO BRASIL, A. Barueri: SBB, ano 59, n. 215, abr-jun 2007.

BÍBLIA NO BRASIL, A. Barueri: SBB, ano 59, n. 216, jul-set 2007.

BÍBLIA NO BRASIL, A. Barueri: SBB, ano 60, n. 219, abr-jun 2008.

BÍBLIA NO BRASIL, A. Barueri: SBB, ano 60, n. 221, out-dez 2008.

BÍBLIA NO BRASIL, A. Barueri: SBB, ano 61, n. 222, jan-mar 2009.

BÍBLIA NO BRASIL, A. Barueri: SBB, ano 62, n. 227, abr-jun 2010.

BOSI, Ecléa. Cultura e Desenraizamento. In: BOSI, A. (org.) **Cultura Brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, p. 16-41, 1987.

CHARTIER, Roger. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 185-199, mai-ago 1994.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1998.

CUNHA, Magali do Nascimento. **VINHO NOVO EM ODRES VELHOS. Um olhar comunicacional da explosão *gospel* no cenário religioso evangélico no Brasil**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola Comunicação e Artes - USP. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://bit.ly/Cunha_2004>. Acesso em: 13 jul 2010.

- ECO.U. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- EVANS, C.F. The New Testament in the making. In: ACKROYD, P.R.; _____. (orgs.) **The Cambridge History of the Bible**. Cambridge, London, New York, Melbourne: Cambridge University Press, p. 232-284, 1970.
- FENN, E. The Bible and the missionary. In: GREENSLADE, S.L. (org.) **The Cambridge History of the Bible: The West from the Reformation to the present day**. Cambridge, London, New York, Melbourne: Cambridge University Press, p. 383-407, 1963.
- GRAFTON, A. **The footnote: a curious history**. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1997.
- JACKSON, H.J. **Marginália**. New Haven, London: Yale University Press, 2001.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Ed. 34, 1993.
- MAHMOUD, Laila. Negócios da Fé. **Istoé Dinheiro**, São Paulo, 30 out. 2006. Disponível em: <http://bit.ly/mahmoud_2006>. Acesso em: 03 mai 2010.
- MANGA, Luciano. **Meus dias no oficina G3**. Rio de Janeiro: MK Ed., 2008.
- MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. **Sobre a leitura popular da Bíblia**. 2002. Disponível em: <http://bit.ly/mesters_2002>. Acesso em: 03 mai 2010.
- MILTON, Alexander Leslie. História da recepção da Bíblia: novos enfoques na pesquisa britânica. **Oracula**, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 2, p. 84-99, 2005.
- OLIVEIRA, F. L. de. O Campo da Sociologia das Religiões: secularização versus a "Revanche de Deus". **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**. Florianópolis, v.2, n. 2, 2005. Disponível em: <http://bit.ly/oliveira_2005>. Acesso em 03 mai 2010.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PRIMO, Alex; RECUERO, Raquel da Cunha. A terceira geração da hipertextualidade: cooperação e conflito na escrita coletiva de hipertextos com links multidirecionais. **Libero (FACASPER)**, v. IX, p. 83-93, 2006.
- SANTOS, Valdeci S. As Anotações da Bíblia de Scofield sob uma Ótica Reformada. **Fides Reformata**, v. 5, n. 1, 2000. Disponível em: <http://bit.ly/santos_2000>. Acesso em: 03 mai 2010.
- SILVA, Wagner Bandeira da. **E-BIBLE: Características de hipertexto na Bíblia impressa e digital**. Dissertação (Mestrado em Artes e Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://bit.ly/Silva_2007>. Acesso em: 01 abr 2010.
- WHITE, Robert A. Teorias da mídia e religião: sua evolução ao longo de 150 anos. **Revista Fronteiras**. São Leopoldo, v. 4, n. 1, p. 11-27, jun 2002.